

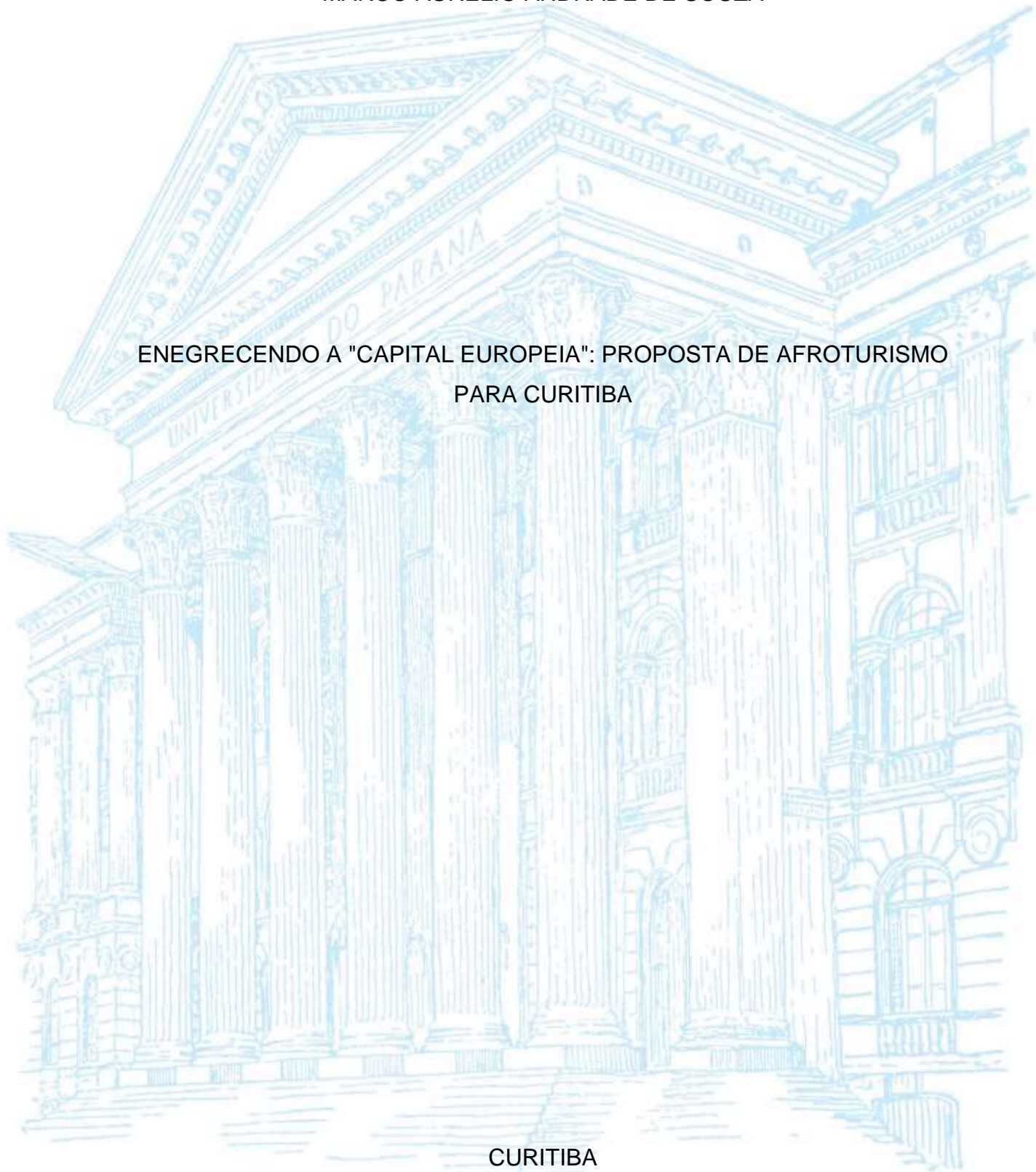
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCO AURELIO ANDRADE DE SOUZA

ENEGRECENDO A "CAPITAL EUROPEIA": PROPOSTA DE AFROTURISMO
PARA CURITIBA

CURITIBA

2023



MARCO AURELIO ANDRADE DE SOUZA

ENEGRECENDO A “CAPITAL EUROPEIA”: PROPOSTA DE AFROTURISMO PARA
CURITIBA

Projeto de Planejamento e Gestão em Turismo
apresentado à disciplina de Projeto de
Planejamento e Gestão em Turismo II, Curso
de Turismo, Departamento de Turismo, Setor
de Ciências Humanas da Universidade Federal
do Paraná.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Laura Alice Rinaldi
Camargo

CURITIBA

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os Marco que eu fui no passado e que constituem o meu eu da atualidade. Obrigado por lutarem em momentos de tristeza e desânimo intenso, sempre acreditando que o futuro poderia guardar, no mínimo, coisas mais interessantes do que o que era experienciado.

Não posso deixar de dizer obrigado também à minha família pelo esforço que fizeram para que eu pudesse atingir meus objetivos, mesmo quando não compreendiam ou concordavam com as minhas escolhas. De certa forma, os sonhos que vivem dentro de vocês também acabaram sendo transferidos para mim.

Meu muito obrigado a todos os amigos que fiz em Curitiba e que tornaram a minha experiência na cidade mais leve e feliz. Muitas dessas pessoas me cativaram e me mostraram lugares que eu nem sabia que também poderia acessar.

Agradeço aos professores do Departamento do Curso de Turismo da UFPR por terem sido sempre tão gentis e queridos, ajudando no que era preciso e incentivando os alunos a sempre querer mais, mesmo sabendo de todas as dificuldades que a área do turismo enfrenta.

Aos meus ancestrais negros: obrigado, obrigado e obrigado por todas as lutas no passado que permitiram que a minha vida pudesse ser muito menos turbulenta do que a de vários de vocês foram. Continuo lutando pela igualdade racial no Brasil na esperança de que as próximas gerações possam ter uma vida ainda mais plena.

Também quero fazer um agradecimento especial à minha orientadora Laura Rinaldi, que sempre esteve disposta a ajudar no que era preciso para a pesquisa, fornecendo orientações leves e também compreendendo os meus lados mais frágeis. Obrigado por tudo!

Por fim, agradeço a todos aqueles que tenham passado pela minha vida nos últimos 25 anos e que tenham marcado positivamente o meu percurso.

Um país que não reconhece seus negros em vida, é um país póstumo.

(Elza Soares)

RESUMO

O Afroturismo pode ser entendido como a produção e o consumo da atividade turística pela população negra, que além de resgatar elementos históricos e culturais, promove a afirmação de sua identidade, o desenvolvimento econômico-social das pessoas negras, o combate ao racismo estrutural e a promoção de sociedades mais igualitárias. Entretanto, uma das grandes lacunas visualizadas nas pesquisas do segmento está em sua aproximação com o mercado, uma vez que os trabalhos publicados deram um enfoque mais descritivo para o tema. Isso levantou dúvidas sobre como o Afroturismo pode ser trabalhado pelos destinos turísticos, principalmente em uma cidade como Curitiba, considerada a “Capital Europeia” do Brasil. Nesse sentido, o trabalho possui como objetivo geral identificar como o Afroturismo pode ser desenvolvido em Curitiba. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para relacionar temas como a questão racial no Brasil, afirmações identitárias, imagem do turista negro e o afroturismo. A pesquisa possui caráter exploratório e tem uma abordagem qualitativa. Foram entrevistados agências e projetos de afroturismo, o Instituto Municipal de Turismo de Curitiba e o evento Um Baile Bom. O instrumento de coleta de dados foram três roteiros de entrevistas semiestruturados, criados com o objetivo de extrair as informações necessárias de cada grupo. Os dados foram transcritos e analisados a partir do método hermenêutico-dialético, elaborado por Minayo (2010). Concluiu-se que Curitiba pode desenvolver o afroturismo a partir de alguns fatores, como profissionais negros à frente do segmento, apoio do poder público, envolvimento de afroempreendedores, variedade de atividades culturais e com serviços turísticos aptos a atender esses turistas. Com base nos resultados, apresentou-se também uma proposta de pacote de afroturismo completo para a Curitiba, levando em consideração o roteiro, alimentação, hospedagem e outros aspectos visualizados nos pacotes das agências tradicionais.

Palavras-chave: Afroturismo. Curitiba. Identidade. Turismo étnico-afro.

ABSTRACT

Afro tourism can be understood as the production and consumption of tourist activity by the black population, which, in addition to rescuing historical and cultural elements, promotes the affirmation of their identity, the economic and social development of black people, the fight against structural racism and the promotion of more egalitarian societies. However, one of the major gaps seen in research in the segment is in its approach to the market, since the published works had a more descriptive approach to the theme. This raised doubts about how Afro tourism can be enhanced by tourist destinations, especially in a city like Curitiba, which is considered the “European Capital” of Brazil. In this sense, this work aims to identify how Afro tourism can be developed in Curitiba. A bibliographical research was carried out to relate themes such as the racial issue in Brazil, identity statements, the image of the black tourist and afro tourism. The research has an exploratory nature and has a qualitative approach. Afro tourism agencies and projects, the Municipal Institute of Tourism of Curitiba and the event Um Baile Bom were interviewed. The data collection instrument was three semi-structured interview scripts, created with the objective of extracting the necessary information from each group. Data was transcribed and analyzed using the hermeneutic-dialectical method, developed by Minayo. It was concluded that Curitiba can develop afro tourism based on some factors, such as black professionals at the head of the segment, support from public authorities, involvement of afro-entrepreneurs, variety of cultural activities and tourist services able to serve these tourists. Based on the results, a proposal for a complete afro tourism travel package for Curitiba was also presented, taking into account the itinerary, food, accommodation and other aspects seen in packages from traditional travel agencies.

Keywords: Afro tourism. Curitiba. Identity. Ethnical afro tourism.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - TRAJETO DA CAMINHADA NEGRA	55
FIGURA 2 - PRAÇA SANTOS ANDRADE	56
FIGURA 3 - OBRA "ÁGUA PRO MORRO"	57
FIGURA 4 - ARCADAS DO PELOURINHO	58
FIGURA 5 - CATEDRAL BASÍLICA MENOR DE NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS.....	59
FIGURA 6 - LARGO DA ORDEM.....	60
FIGURA 7 - BEBEDOURO DO LARGO DA ORDEM.....	61
FIGURA 8 - MUSEU DE ARTE SACRA.....	62
FIGURA 9 - MEMORIAL DE CURITIBA.....	63
FIGURA 10 - IGREJA DO ROSÁRIO.....	64
FIGURA 11 - RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO.....	65
FIGURA 12 - SOCIEDADE OPERÁRIA BENEFICENTE 13 DE MAIO	66
FIGURA 13 - RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA.....	67
FIGURA 14 - PRAÇA ZACARIAS	68
FIGURA 15 - FOLDER DE DIVULGAÇÃO DO PACOTE.....	74
FIGURA 16 - ETAPAS PARA A EXECUÇÃO DO PROJETO	77

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - PALAVRAS-CHAVE UTILIZADAS DURANTE A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	31
QUADRO 2 - EMPRESAS E PROJETOS DE AFROTURISMO SELECIONADOS ..	32
QUADRO 3 - DESCRIÇÃO DO UM BAILE BOM.....	34
QUADRO 4 - TRABALHOS SELECIONADOS PARA COLETA DE DADOS EM CURITIBA.....	34
QUADRO 5 - PROGRAMAÇÃO DE SEXTA-FEIRA	72
QUADRO 6 - PROGRAMAÇÃO DE SÁBADO	72
QUADRO 7 - PROGRAMAÇÃO DE DOMINGO	73
QUADRO 8 - PROGRAMAÇÃO DE SEGUNDA-FEIRA	73
QUADRO 9 - ETAPAS DE EXECUÇÃO DO PROJETO	75
QUADRO 10 - CUSTOS DO SERVIÇO PARA CONTRATANTES EM UM CENÁRIO DE VAGAS ESGOTADAS.....	79
QUADRO 11 - CUSTOS DO SERVIÇO PARA CONTRATANTES EM UM CENÁRIO DE VAGAS ESGOTADAS.....	81
QUADRO 12 - CENÁRIO DE GANHO ANUAL 1	83
QUADRO 13 - CENÁRIO DE GANHO ANUAL 2	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IMT - Instituto Municipal de Turismo
- ABAV - Associação Brasileira de Agências de Viagens
- Mtur - Ministério do Turismo
- PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
- NEAB-UFPR - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	MARCO TEÓRICO	14
2.1	A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL	14
2.2	AFIRMAÇÕES IDENTITÁRIAS	17
2.2.1	A internet como um meio de fortalecer a imagem do turista negro.....	19
2.3	TURISMO E PESSOAS NEGRAS: REFLEXÕES PARA A BUSCA DE UM TERMO	22
2.3.1	Afinal, o que é Afroturismo?	23
2.4	CURITIBA E SUA RELAÇÃO COM A NEGRITUDE	26
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	29
3.2	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	30
3.3	INSTRUMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	31
3.3.1	Entrevistas.....	31
3.3.2	Pesquisa bibliográfica.....	34
3.3.3	Tratamento e análise dos dados	35
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA ..	36
4.1	CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	36
4.2	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	37
4.2.1	Percepção sobre o Afroturismo	37
4.2.2	O Afroturismo em Curitiba	41
4.2.3	Desenvolvimento do Afroturismo	47
5	PROJETO DE TURISMO	52
5.1	DESCRIÇÃO DO PROJETO	52
5.1.1	Construção do pacote de viagens	53
5.1.2	Visão geral do pacote	71
5.2	ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO	74
5.2.1	Descrição das etapas para execução do projeto	74
5.2.2	Descrição dos recursos humanos envolvidos.....	78
5.3	DESCRIÇÃO DO ORÇAMENTO, SUGESTÃO DE PREÇO DE VENDA E RETORNO DO INVESTIMENTO	79
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	84

REFERÊNCIAS.....	86
APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EMPRESAS E/OU PROJETOS DE AFROTURISMO	90
APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO DE CURITIBA	91
APÊNDICE 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ORGANIZAÇÕES NEGRAS DE CURITIBA	92

1 INTRODUÇÃO

Em um típico dia de sol do inverno curitibano, participei de um curso promovido pelo Instituto Municipal de Turismo (IMT) cujo tema era *Lugares da Curitiba Negra*¹. Nele, percorremos alguns pontos históricos do centro urbano, olhando a cidade através de uma nova perspectiva. Em um dos momentos do curso, a professora Joseli Maria Nunes Mendonça, que é quem estava propondo essa conversa, perguntou aos guias de turismo presentes se os turistas normalmente questionavam sobre a história ou mesmo a existência da população negra na cidade.

Um dos guias afirmou que sim e destacou que isso é ainda mais comum nos turistas provenientes das regiões Norte e Nordeste do país. Essa fala me chamou a atenção por estar ligada, primeiro, com a minha vivência do dia a dia, mas também com o tema que proponho neste trabalho: o Afroturismo. Apesar de já estar consolidado em alguns países, como nos Estados Unidos, onde recebeu o nome de *Black Travel Movement* (DILLETTE, BENJAMIN, 2022), esse segmento se desenvolve lentamente no Brasil e não costuma ser amplamente conhecido por pessoas da área turística (DE OLIVEIRA, 2021).

Todavia, isso não quer dizer que a demanda pelo afroturismo seja inexistente no país. Em seu trabalho, Queiroz (2008) destaca a dinâmica desse fenômeno no recôncavo baiano, que há anos atrai diversos turistas negros norte-americanos para a cidade de Cachoeira. Atualmente, também já existem agências de viagens brasileiras especializadas no segmento, com serviços que exaltam a cultura e a história da população negra. O tema tem sido ainda divulgado e discutido em eventos importantes da área do turismo, como aconteceu na ABAV Collab de 2020².

Quando se trata da academia, a pauta étnico-racial tem sido investigada por alguns pesquisadores brasileiros na tentativa de entender as características do afroturismo (QUEIROZ, 2008; TRIGO, NETTO, 2011; SILVA, QUADRADO, 2016; PINHO, 2018; DE OLIVEIRA, 2020; DE FARIAS, PIMENTEL, 2021; DOS SANTOS, 2021). Entretanto, uma das grandes lacunas visualizadas nesta pesquisa está na sua

¹ O curso foi realizado no dia 2 de agosto de 2022, ministrado pelo programa de extensão Afrocuritiba da UFPR, que possui sob seu comando a professora Joseli Maria Nunes Mendonça, docente do departamento de história. O Instituto Municipal de Turismo de Curitiba, órgão responsável pela tomada de decisões sobre a atividade turística na cidade, foi o responsável pela organização.

² Acesso a matéria completa da ABAV <http://www.abav.com.br/press-release/turismo-afroreferenciado-e-tema-de-painel-no-abav-collab>

aproximação com o mercado, visto que muitas vezes os trabalhos já publicados deram um enfoque mais descritivo para o tema. Isso me levantou dúvidas sobre como o Afroturismo pode ser trabalhado pelos destinos, ainda mais em uma cidade como Curitiba, considerada a “Capital Europeia” do Brasil — grande parte dos destinos de Afroturismo são locais que tiveram uma forte diáspora negra, como é o caso de Salvador, na Bahia.

Apesar da população negra curitibana possuir sua presença registrada na cidade desde sua fundação (MORAES, SOUZA, 1999), ela é pouco lembrada e até mesmo desassociada da imagem construída pelo marketing turístico do município. Em contrapartida, os imigrantes europeus, que chegaram ao local no século XIX, possuem uma série de espaços urbanos em suas homenagens, como memoriais, parques e até mesmo bairros, como é o caso do Santa Felicidade e sua história italiana.

Ainda que projetos histórico-culturais já estejam em andamento na cidade, como o Afrocuritiba³ e o Linha Preta⁴, não existe atualmente a proposta de um turismo que centralize a população negra em seu desenvolvimento — como já visualizado em outras localidades do país (QUEIROZ, 2008). Nesse sentido, a grande questão que surgiu foi: como uma cidade que construiu sua imagem sobre influências europeias pode trabalhar o Afroturismo? E foi na tentativa de responder a essa pergunta que a pesquisa se debruçou.

Desse modo, o objetivo geral do trabalho foi identificar como o Afroturismo pode ser desenvolvido em Curitiba. Para tal propósito, foram estipulados os seguintes objetivos específicos:

1. Compreender quais são os aspectos principais do afroturismo;
2. Descobrir qual a visão do setor público, projetos de afroturismo e organizações negras em relação ao desenvolvimento do segmento em Curitiba;
3. Elaborar um pacote de viagens de Afroturismo para Curitiba.

³ O Afrocuritiba é um projeto de extensão da UFPR que propõe um percurso por locais importantes da história negra de Curitiba.

⁴ O Linha Preta é um roteiro turístico de Curitiba que passa por 21 pontos marcados pela presença negra na capital paranaense. O projeto foi desenvolvido em 2018 por alunos de jornalismo da UniBrasil em parceria com o Centro Cultural Humaita. Acesso ao site <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta/a-linha-preta>>

Durante o seu desenvolvimento, o trabalho foi estruturado do seguinte modo: inicialmente, foi proposto uma discussão acerca de temas como a questão racial no Brasil, afirmações identitárias, Afroturismo e a relação de Curitiba com a negritude. Em seguida, foi apresentada a metodologia utilizada no trabalho para conseguir atingir os objetivos propostos. A partir disso, realizei entrevistas com as agências especializadas para entender como o produto do Afroturismo tem sido trabalhado nos últimos anos e como ele pode ser aplicado na capital paranaense. Também foram entrevistados o Instituto Municipal de Turismo e um importante evento de Curitiba focado na cultura da população negra. Por fim, o trabalho apresenta os resultados e discussões das entrevistas, propõe um pacote do segmento para a cidade e faz suas considerações finais.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL

Apesar da maior parte dos brasileiros ser constituída por negros e pardos, de acordo com os dados do IBGE coletados pelo PNAD 2019⁵, a população negra sofre uma grande invisibilidade na sociedade e, diariamente, se depara com diversas questões raciais. Em seu livro *Tornar-se negro*, publicado em 1983, a psicanalista Neusa Santos Souza faz uma reflexão sobre o local em que a população negra passou a ocupar na sociedade a partir do processo de escravidão.

A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (SOUZA, 1983, p.19).

A fala de Souza (1983) mostra que ao escravizar os africanos, o homem branco já se colocou em uma posição superior, lugar esse, que é permeado por mais direitos e liberdade. Indo um pouco mais além, Gonzalez (1982) nos convida a também refletir sobre como as dinâmicas atuais corroboram para a manutenção dessas desigualdades.

Esse perfil de desigualdades raciais não é um simples legado do passado; ele é perpetuado pela estrutura desigual de oportunidades sociais a que brancos e negros estão expostos no presente. Os negros sofrem uma desvantagem competitiva em todas as etapas do processo de mobilidade social individual. Suas possibilidades de escapar às limitações de uma posição social baixa são menores que a dos brancos da mesma origem social, assim como são maiores as dificuldades para manter as posições já conquistadas (GONZALEZ, 1982, p.99).

Para chegar a essa constatação, a autora analisa os dados do PNAD de 1976, que a ajudam a fazer uma relação entre raça e características socioeconômicas da população. Na época, a pesquisadora identificou que além da maior parte dos negros estarem em regiões menos desenvolvidas do país, como nos estados da região

⁵ Acesso completo ao dado <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>

nordeste, esse grupo também possui mais barreiras para acesso ao sistema de educação.

Apesar de algumas décadas terem passado desde que as obras de Souza e Gonzalez foram lançadas, a realidade do Brasil em relação ao tema ainda é muito similar. Em sua tese de doutorado, Schlittler (2016) mostra que os homens negros possuem muito mais chances de serem baleados pela polícia de São Paulo. Ao mesmo, em 2019 o IBGE⁶ divulgou dados que apontam que apesar da escolaridade entre as pessoas negras terem aumentado nos últimos anos, a desigualdade em relação aos brancos ainda permanece de forma grave.

Essa dinâmica racial, que se estabeleceu nos últimos séculos em nosso país, tem sido intitulada de racismo estrutural por alguns autores. Almeida (2018), em seu livro *O que é Racismo Estrutural?*, escreve que:

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que "ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição" (ALMEIDA, 2018, p.38).

No entanto, Almeida (2018) não chega a essa conclusão na tentativa de normalizar o problema. Assim, Almeida, apresenta um caminho a ser seguido. "Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas" (ALMEIDA, 2018). Isso nos leva a pensar que as ações para combater o racismo não são pontuais, uma vez que essa relação de poder e subalternidade entre as raças está intrínseca em diversos comportamentos cotidianos que foram normalizados na sociedade. Um exemplo disso, é a forma como até hoje a representação negra na televisão brasileira continua acontecendo de forma problemática na maior parte do tempo: ou são esquecidos ou aparecem como figuras caricatas.

⁶ Acesso completo ao dado <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>>

Por se tratar de um fenômeno social, o turismo também não está isento desse problema. De acordo com o IBGE⁷, as famílias chefiadas por brancos gastaram o dobro em lazer e viagens entre 2017 e 2018 quando comparada às famílias em que a pessoa de referência era negra ou parda. No entanto, a questão econômica não é o único ponto desse problema. Santos (2020), na tentativa de traçar um perfil do viajante afro-brasileiro, realizou uma pesquisa com 582 participantes negros, que apontaram diversas situações de racismo que eles já experienciaram em suas viagens, tanto nacionais, como internacionais. Algumas das situações citadas foram: perseguições, atendimentos diferenciados, agressões verbais, entre outras.

Em seu trabalho intitulado *Precisamos falar sobre racismo no turismo*, De Oliveira (2020) também faz um levantamento de outras pesquisas com enfoque semelhantes. Um dos trabalhos apresentados pela autora, foi desenvolvido pela Escola de Negócio de Harvard, que mostra que os negros tendem a ser mais rejeitados em plataformas de hospedagem compartilhada, como é o caso do *Airbnb* (LEE, 2015 apud DE OLIVEIRA, 2020).

Além disso, a pesquisadora possui uma série de outros trabalhos sobre o tema, mostrando desde a falta de representatividade dos negros em revistas de turismo, como também a dificuldade de empreendedores negros de consolidar seus negócios na área turística devido ao racismo (DE OLIVEIRA, 2020). Hintze e Almeida Junior (2012) também abordaram o tema ao analisar uma importante revista de turismo brasileira, chegando a conclusão de que existe uma exclusividade na representação do turista como branco, enquanto o negro aparece normalmente como servidores dos destinos ou atrativos.

Esses estudos nos mostram que a questão racial pode atingir o turismo de três maneiras principais:

1. Economicamente: devido a renda da população negra e parda ser menor no Brasil do que a dos brancos, suas opções de lazer e viagens também podem ser reduzidas.

⁷ Acesso completo ao dado <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31400-noticia-pof-lazer>>

2. Experiência turística: a experiência do turista negro pode ser impactada negativamente por casos de racismo, como destacado no estudo apresentado.
3. Representatividade: os turistas negros são poucos representados em revistas de turismo (DE OLIVEIRA, 2020; HINTZE, ALMEIDA JÚNIOR, 2012), o que gera questionamentos sobre uma idealização do mercado em relação a imagem do turista.

No entanto, em meio a tantos problemas promovidos pela questão racial, a população negra criou e ainda cria formas de resistir e se afirmar enquanto grupo na sociedade.

2.2 AFIRMAÇÕES IDENTITÁRIAS

A construção da identidade dos indivíduos já vem sendo amplamente estudada pela psicologia e pelas ciências sociais nos últimos séculos. De acordo com Matuck e Meucci (2005), o conceito

[...] diz respeito tanto a uma certa imagem que um indivíduo tem de si, como a que o outro faz dele; consiste no processo pelo qual os outros reconhecem as singularidades de uma pessoa, os traços distintivos objetivados em características físicas, emocionais, intelectuais, grupais e comunitárias (MATUCK; MEUCCI, 2005, p. 159).

Dessa forma, Matuck e Meucci (2005) nos leva a pensar que a identidade não é composta apenas pela imagem que um indivíduo tem de si mesmo e, tampouco, tem a ver apenas com a imagem física — aquela que é mostrada diariamente para os outros integrantes da sociedade. Buscando se aprofundar no assunto, Matuck e Meucci (2005) também trazem uma definição da identidade. De acordo com eles, ela é

[...] um processo de apresentação e atribuição de qualidades a um sujeito, segundo sua cultura, atitudes, aparência e também com base na expressão de seus valores. Tais qualidades, embora não possuam uma correlação absoluta, e não formem uma unidade, possuem semelhanças entre si, constituem protótipos socialmente definidos, que aglutinam os diversos fragmentos do que se chama “eu”: o eu profissional, o eu religioso, o eu torcedor, o eu paterno etc. (MATUCK; MEUCCI, 2005, p. 159)

Assim, a identidade de um indivíduo possui várias faces e também é construída a partir de fatores que estão presentes em nossa sociedade. Machado (2003) destaca em seu trabalho que a identidade também tem sido pesquisada tanto no âmbito pessoal, como no plano social. Segundo o autor,

[...] Em nível pessoal, a identidade, ou o conceito de si mesmo, orienta a ação individual. No plano social, as identidades das pessoas configuram-se como a percepção de si mesmas dentro de um ou vários grupos, e, nesse sentido, direcionam os movimentos, refletindo a ação grupal (MACHADO, 2003).

Todavia, Machado (2003) ressalta que apesar da identidade possuir esses dois pontos de análise, elas estão sempre relacionadas entre si, uma vez que refletem entre si a todo instante (MACHADO, 2003). Devido a essa inter-relação e principalmente aos aspectos raciais apresentados no tópico anterior, a construção identitária da população negra também tem sido alvo de investigação de diversos pesquisadores por dois motivos principais. Primeiro, pela perda da história, cultura e tradições que os africanos tiveram ao serem retirados de suas terras e trazidos à força para o Brasil. Segundo, pela questão da subalternidade entre as raças, onde o branco é visto em nossa sociedade como um ideal a ser alcançado (GONZALEZ, 1982; SOUSA, 1983; FANON, 2008).

É mediante a isso que Gomes (2003) ressalta sobre a construção da identidade pelas pessoas negras que se dá tanto pela diferença como também pelo diálogo com o branco, que “implicam processos de aproximação e distanciamento” (GOMES, 2003, p.172). Esse ponto, quando relacionado com Gonzalez (1982) gera questionamentos como: se o branco é o ideal a ser alcançado, para onde ir quando não se pode atingir esse ideal? A quem recorrer na busca de uma identificação que é negada por motivos estéticos, econômicos e sociais? Além disso, outra questão a ser pensada é que se a identidade é composta por tantos aspectos, como apontados por Gomes (2003) e Matuck e Meucci (2005), certamente também não existe apenas uma única identidade negra, mas sim, uma grande diversidade dela em nossa sociedade.

Por esse motivo, Gomes (2003) afirma que compreender a complexidade da construção dessa identidade é um grande desafio, principalmente quando trazemos a discussão para os aspectos físicos do indivíduo (GOMES, 2003), pontos que são frequentemente utilizados para atacar e diferenciar os negros.

Como forma de resistência, historicamente diversas pessoas negras têm "assumido" suas características físicas, principalmente quando se trata do cabelo, como pode ser visualizado pelo movimento *Black Power*⁸ (ALTHEMAN, 2020; VAUGHAN, 2000), que além desse aspecto, promove a busca por sua história e a luta pelos seus direitos perante a sociedade. Esse movimento tem sido visto em diversas áreas de pesquisas, que têm trazido uma nova forma de pensar a partir de uma perspectiva da comunidade negra. Um dos grandes exemplos é o Afrofuturismo, que nas palavras de Silva e Quadrado (2016),

[...] é um movimento artístico que perpassa diferentes meios, utilizando a música, política, moda, entre outras disciplinas. Ele utiliza o resgate à mitologia e histórias africanas e se une com elementos da ciência tendo como objetivo a liberdade de expressão, autoconfiança e empoderamento negro. (SILVA; QUADRADO, 2016, p.8).

De acordo com as autoras, o Afrofuturismo foi discutido pela primeira vez em 1994 a partir do cineasta Mark Dery, que em seu filme *Black to the Future* (2009) levantou uma série de questionamentos sobre a forma como os negros eram retratados nos filmes de Hollywood (SILVA, QUADRADO, 2016). Desde então, o termo tem aparecido em diversas pesquisas científicas (RANGEL, 2016; SILVA, QUADRADO, 2016; SOUZA, 2019; LIMA, 2019; PATERNIANI, 2019) e se tornou, até mesmo, tema principal de eventos científicos, como foi o caso do "Afrofuturismo: espaços ocupados por pessoas negras", organizado pela PUCPR em 2020⁹.

Como este trabalho é voltado para a área do turismo, nos próximos tópicos um panorama de como o turismo também pode se apresentar como um meio para a reafirmação da identidade das pessoas negras na sociedade e valorização da cultura.

2.2.1 A internet como um meio de fortalecer a imagem do turista negro

Nos últimos anos, a pauta racial ganhou ainda mais destaque em nossa sociedade. Uma das provas disso é o recente dado apresentado pela empresa Tilt,

⁸ O movimento Black Power nasceu nas décadas de 1960 como uma forma de resistência política e empoderamento da população negra norte-americana. No entanto, seu impacto atingiu níveis globais, influenciando pessoas negras de diversos países (VAUGHAN, 2000).

⁹ Acesso ao site do evento realizado entre os dias 17 e 21/11/2020
<<https://www.even3.com.br/cacafafrofuturismo/>>

que levantou que a busca por “Turismo Estrutural” no Google cresceu 1.400% entre 2019 e 2022. Um dos maiores motivos desse fenômeno aconteceu após o assassinato de George Floyd nos Estados Unidos em 2020, que fez tanto com que os debates sobre a vida e existência da população negra passassem a ser ainda mais comentados na internet na época, como também culminou na organização de diversos atos em todo o mundo (PRADO, PRADO FILHO; 2021)

Essa organização virtual dos movimentos sociais vem sendo estudada por diversos pesquisadores (MOREIRA, 2016; DA SILVA, 2013; ALCÂNTARA, 2013) e tem sido denominada como ciberativismo, ativismo digital, hackerativismo, click-ativismo, entre outros (ALCÂNTARA, 2013).

No que tange a atividade turística e sua questão com a raça, destaco as próprias empresas especializadas no segmento do afroturismo, que utilizam a internet para se promover e trazer o assunto como pauta. Apesar da promoção turística não ser uma particularidade desse segmento, mas sim um comportamento comum das agências de turismo (DA SILVA FLORES et Al, 2012), uma vez que as mudanças na forma de comunicação nos últimos anos alteraram também as formas como consumimos produtos e serviços (UŞAKLI, KOÇ, SÖNMEZ, 2017), as agências de turismo afrocentrado têm feito mais do que uma simples divulgação de seus pacotes.

A empresa Brafrika, como exemplo, funciona 100% online e utiliza principalmente o Instagram¹⁰ para a divulgação da marca, dos seus pacotes turísticos e sobre a importância da visibilidade negra em todos os âmbitos sociais, como o turismo. Suas publicações mostram viajantes negros em diversos locais do mundo e sempre trazem a hashtag #gentepretacurtindoavida no intuito de compilar as imagens semelhantes de outros usuários em um só local. Além disso, a hashtag é um dos grandes lemas da empresa e ressalta a necessidade de vermos pessoas negras em outros contextos, como é o caso do lazer e turismo.

Indo no mesmo sentido, a influencer Jacy Carvalho, que se tornou popular no YouTube principalmente por ensinar os seguidores a trançar seus cabelos, criou uma página no Instagram denominada *Viagem Preta*¹¹, que mostra suas viagens por diferentes destinos com amigos e familiares, reforçando principalmente a imagem de uma mulher negra viajante. Com mais de 17 mil seguidores em seu perfil, a

¹⁰ Acesso ao perfil da agência <https://www.instagram.com/brafrika_viagens/?hl=pt>

¹¹ Link do perfil da influencer <<https://www.instagram.com/viagempreta/>>

influencer também os incentiva a postar suas viagens com a hashtag #viagempreta, que atualmente conta com mais de mil publicações na rede social com diversas pessoas negras em suas viagens.

Esses exemplos citados, podem auxiliar na identificação de turistas negros com outros turistas negros. Matuck e Meucci (2005), fizeram algumas considerações sobre como o meio online tem contribuído para a identificação das pessoas.

Com a Internet, os processos de construção identitária vêm ganhando uma nova forma. Ao disponibilizar um lugar no ciberespaço, a rede possibilita a um número maior de pessoas a oportunidade de se relatar, garante maior liberdade de mostrar ou construir a própria identidade. (MATUCK; MEUCCI, 2005, p.4).

Levando em consideração o trecho acima, podemos dizer que as redes sociais podem ter um papel fundamental na troca de experiência turística entre pessoas negras, na identificação entre os viajantes e também na disseminação de informações sobre o afroturismo. Em diálogo com o uso das redes sociais no turismo, Urano et Al (2016) argumenta que as relações

[...] são sustentadas pela colaboração de diversos atores sociais de interesses e papéis distintos e que constituem uma rede de relacionamentos, que contribui para o desenvolvimento da atividade turística (URANO et Al, 2016, p.205).

Além disso, Urano et Al (2016) ainda reforça que

[...] Nessas redes, as conexões estabelecidas se dão por meio da comunicação que cria um processo de construção de significado e valores que se propagarão dentro da rede, permitindo o fortalecimento desta e de seus nós, que possibilita a luta por um outro modelo de organização do turismo. (URANO et Al, 2016, p.208)

Apesar da pontuação de Urano et Al (2016) não estar diretamente relacionada com o Afroturismo, ela faz uma ligação direta com o objeto de estudo, uma vez que relata a vontade de um determinado grupo de buscar uma forma tanto de se afirmar perante a sociedade, como também de criar uma maneira alternativa de se fazer turismo.

2.3 TURISMO E PESSOAS NEGRAS: REFLEXÕES PARA A BUSCA DE UM TERMO

A discussão acerca da relação entre pessoas negras e o turismo se inicia logo no termo utilizado para se referir ao objeto de pesquisa. Isso porque, o tema foi referido de várias maneiras por autores diferentes nos últimos anos. Os principais termos identificados durante a pesquisa bibliográfica foram: turismo de raízes (QUEIROZ, 2008), turismo diaspórico (PINHO, 2018; DE OLIVEIRA, 2020), turismo étnico-afro (FARIAS, PIMENTEL, SANTOS, 2021; TRIGO, NETTO, 2011), turismo afrocentrado (OLIVEIRA, 2021), turismo étnico-afro (DE FARIAS, PIMENTEL, 2021) e afroturismo (LOPES, GONÇALVES, 2021; DE OLIVEIRA, 2021)

O documento de Segmentação do Turismo, criado pelo Mtur e publicado em 2006, identifica que a atividade turística motivada pelo contato com a identidade ou com o modo de vida de grupos étnicos se enquadra no Turismo Étnico, um sub-segmento do Turismo Cultural. No texto, o documento do órgão ainda exemplifica algumas comunidades e grupos na qual a atividade pode contemplar.

O Turismo Étnico envolve as comunidades representativas dos processos migratórios europeus e asiáticos, as comunidades indígenas, as comunidades quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores em seu modo de vida, saberes e fazeres (Mtur, 2006, p.18)

Desse modo, levando em consideração o trecho destacado do Mtur, podemos afirmar que o turismo étnico considera a atividade turística de outros grupos que não somente aqueles ligados à população negra, o foco deste trabalho. Por isso, mesmo sabendo que nem sempre a academia utiliza os mesmos termos do mercado para falar do mesmo objeto de análise, defendo e irei utilizar o termo Afroturismo para este trabalho por três motivos:

Primeiro, por não haver, justamente, um termo em comum utilizado pelos pesquisadores para falar do assunto. Segundo, por acreditar que o tema carece de um termo que se refira diretamente ao grupo étnico que deseja abordar na pesquisa. Nesse caso, utilizando a definição do dicionário online Dicio¹², a palavra “Afro” exprime a noção de Africano e, nos nomes compostos, ela se figura como o primeiro elemento,

¹² Acesso ao dicionário consultado <<https://www.dicio.com.br/afro/>>

como é o caso das religiões afro-brasileiras ou culinária afro-brasileira. Dessa forma, a palavra já vem sendo utilizada nas últimas décadas para se referir não apenas as pessoas negras, mas toda a herança cultural africana que se propagou no Brasil, principalmente, com a vinda das pessoas escravizadas a partir do século XVI (SILVA, 2014).

Assim, a junção do “Afro” com “turismo”, dá a entender que o Afroturismo procura, de alguma maneira, ligar a atividade turística com a cultura e a população negra, deixando evidente seu recorte para quem se depara com o tema. O terceiro motivo, está no uso do termo Afroturismo pelas agências de viagens especializadas no segmento, que tem divulgado o tema em suas redes sociais e em eventos ligados ao turismo nos últimos anos. Por desejar aproximar esse trabalho do mercado, acredito que usar aquilo que tem sido aplicado pelos agentes do segmento também é importante para atingir o objetivo desta pesquisa. Ainda vale ressaltar, que essa decisão não procura dizer ou apontar qual o termo correto a ser aplicado nos estudos étnicos da área do turismo relacionados a população negra, mas sim, uma preferência do autor pelo uso do Afroturismo.

2.3.1 Afinal, o que é Afroturismo?

Apesar de uma extensa busca por trabalhos acadêmicos sobre o Afroturismo, não encontrei propriamente nenhum que traga uma definição sobre este termo especificamente, como será detalhado na metodologia. Por isso, no intuito de desenvolver um entendimento sobre o tema, trago primeiro a definição de Turismo Étnico do Mtur e o relaciono com definições e reflexões de outros autores que analisaram o turismo sobre a ótica racial nos últimos anos. Para o Mtur (2006), o

[...] Turismo Étnico constitui-se das atividades turísticas decorrentes da vivência de experiências autênticas em contatos diretos com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos (Mtur, 2006, p.17).

O órgão ainda afirma que neste segmento

[...] Busca-se estabelecer um contato próximo com a comunidade anfitriã, participar de suas atividades tradicionais, observar e aprender sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares. Muitas vezes, tais atividades podem articular-se como uma busca pelas próprias origens do turista, em um retorno às tradições de seus antepassados (Mtur, 2006, p. 17-18).

Apesar de em um primeiro momento a definição do Ministério do Turismo parecer se referir a comunidades com modos de vida muito diferentes da grande parte da sociedade, o documento traz como exemplo grande parte dos povos que compõem o Brasil, como exposto no segundo parágrafo do tópico 2.3. No entanto, quero mesmo chamar a atenção para o trecho em que o órgão público diz que muitas vezes a busca pelo turismo étnico também pode ser um desejo do turista de retornar às tradições de seus antepassados. Essa frase está diretamente ligada com o conceito de Turismo de Diásporas.

Patricia de Santana Pinho (2018), uma grande contribuidora para a discussão do tema no Brasil, utiliza os estudos de alguns autores internacionais para chegar a um entendimento sobre esse conceito. De acordo com a pesquisadora, o antropólogo James Clifford (1997) define diásporas como “comunidades expatriadas que foram dispersas de uma terra original para pelo menos dois lugares distintos, mantendo conexões com a sua terra de origem através de memórias e mitos” (PINHO, 2018).

Em seguida, a autora relaciona Clifford com os geógrafos Tim Coles e Dallen Timothy (2004), que segundo ela, além de serem os responsáveis pelo reconhecimento do termo Turismo de Diásporas, o definem como “um tipo de turismo prioritariamente produzido, consumido e vivenciado por comunidades diaspóricas” (Coles e Timothy, 2004, p. 1 apud Pinho, 2018, p. 117). Essa definição aprofunda um pouco mais o entendimento sobre o que vem a ser o fenômeno analisado e também se mostra importante para pensarmos na importância dos próprios grupos estarem à frente do desenvolvimento desse tipo de atividade turística. Principalmente, no intuito de quebrar a subalternidade social.

Em outro de seus trabalhos, Pinho (2005) ainda escreve que a principal motivação dos turistas para esse tipo de viagem seria de reencontrar suas raízes, conhecendo e estabelecendo uma conexão com os povos de outras partes da diáspora. No entanto, a autora identifica por meio dos estudos de Coles e Timothy

(2004) que o turismo de diáspora não ocorre de uma única forma e possui subtipos que variam de acordo com o destino e o intuito dos turistas (PINHO, 2018). Um desses subtipos é o *Visiting Friends and Relatives* (VRF), que de acordo com Pinho (2018), é caracterizado pelo deslocamento de turistas para suas terras de origens e também por aqueles que já vivem em sua terra de origem em direção ao local para onde foram seus descendentes. Em seguida, ela apresenta o chamado turismo diaspórico lateral, que ocorre quando comunidades diaspóricas visitam entre si (PINHO, 2018).

Desse modo, é possível dizer que esse segmento turístico nasce, sobretudo, de um desejo do próprio turista de se reconectar de alguma maneira com a história e a cultura dos seus antepassados, que pode ter sido perdida devido a uma série de motivos, como movimentos imigratórios, ou no caso da discussão deste trabalho, através do processo de escravidão.

É nesse sentido, que De Oliveira (2021) discute que apesar do turismo afrocentrado ser normalmente associado com o turismo em comunidades quilombolas, ele busca mais do que isso e propõe principalmente uma discussão da afrocentricidade.

[...] turismo afrocentrado pode ser pensado como o turismo pautado por narrativas afroreferenciadas, sejam elas urbanas, rurais etc., de maneira a deslocar o olhar do turismo tradicional, pautado por uma visão branca e eurocêntrica para uma perspectiva negra dos fenômenos sociais envolvidos no fazer turismo (DE OLIVEIRA, 2021, p.102).

Essa pontuação da autora nos mostra que esse tipo de segmento turístico possui discussões ainda mais profundas que o turismo tradicional que conhecemos, uma vez que ele toca em questões de resistência cultural e identificação do próprio indivíduo. Além disso, a fala também abre campo para diversas discussões, como os benefícios econômicos da atividade para a própria comunidade. Destacando particularmente o Afroturismo, a pesquisadora argumenta que

[...] Ao basear seu empreendimento em narrativas afroreferenciadas, os afroempreendedores buscam gerar renda entre os negros, auxiliando na luta contra a desigualdade social, tão patente no Brasil e que aflige de maneira muito mais intensa os negros (DE OLIVEIRA, 2021, p.44).

Isso também nos mostra, mais uma vez, sobre a necessidades dos próprios negros estarem a frente do desenvolvimento da atividade. Também é importante dizer que, apesar de todos os pontos aqui destacados, o Afroturismo não é formatado

exclusivamente para pessoas negras. Para abordar o assunto, trago a fala de Beatriz Moremi, fundadora da Brafrika, uma agência de viagens especializada no segmento, que pontua em seu site a seguinte afirmação:

É essencial que pessoas não negras façam o afro-turismo, acredito que independente da cor, raça, credo, gênero e orientação sexual, todos temos a ganhar quando conhecemos melhor a história dos povos africanos que constituem nosso país. Por ser uma população muito miscigenada, mesmo que você não seja uma pessoa negra, sua viagem com afro-turismo trará um pouco da sua própria história e te dará a oportunidade de ver com outros olhos um destino que talvez já tenha visitado diversas vezes. (Brafrika, s.d, n.p)

Desse modo, o Afroturismo pode ser entendido como a produção da atividade turística pela população negra, que além de resgatar elementos históricos e culturais, promove a afirmação de sua identidade, o desenvolvimento econômico-social das pessoas negras, o combate ao racismo estrutural e a promoção de sociedades mais igualitárias.

Atualmente, o segmento no Brasil conta com iniciativas em diversos estados, como em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Alagoas e Maranhão. Os pacotes turísticos contam com caminhadas por locais históricos e culturais, a participação em festas típicas e rituais religiosos, além de festivais musicais voltados para as pessoas negras, como é o caso do *Afropunk* em Salvador e o *Bekoo das Pretas* em Vitória. No cenário internacional, os festivais também estão presentes e as agências do segmento possuem diversos pacotes para levar os brasileiros para eles. Entre alguns nomes populares, como pode ser visualizado no site da agência Brafrika, estão o *Afronation* em Portugal, *Back to the City* na África do Sul, Festival *Jumpoff* no México e o *Afrochella* em Gana¹³.

2.4 CURITIBA E SUA RELAÇÃO COM A NEGRITUDE

As discussões envolvendo Curitiba e a população negra não são novas na academia. Nas últimas décadas, diversos autores pontuaram a invisibilidade dos negros na capital paranaense (MARTINS, 1989; MORAES, SOUZA, 1999;

¹³ Acesso ao catálogo de viagens para os festivais destacados
<<https://brafrika.com.br/collections/viagens>>

ALBUQUERQUE 2003; OLIVEIRA, 2018; NASCIMENTO, 2020) que se apoia nas imigrações dos povos europeus para se denominar como a capital “mais europeia” do Brasil.

Apesar do site da Prefeitura de Curitiba¹⁴ considerar que os africanos contribuíram para a formação da cidade e que a sua população conta com uma forte presença negra, o legado cultural desse grupo étnico não tem sido valorizado da mesma forma como os de outros povos que imigraram para o município. Moraes e Souza (1999), contrapõem em seu trabalho a existência de diversos parques e memoriais em Curitiba que homenageiam seus grupos migratórios (Italianos, Poloneses, Ucranianos, Japoneses, Árabes e Portugueses), enquanto a memória das pessoas negras está presente em elementos “apagados” de sua paisagem. Para Moraes e Souza (1999), essa dinâmica espacial traduz o desejo da cidade de ser branca e europeia.

Para uma cidade e sociedade que se pretendem de “primeiro mundo” por sua identidade branca e europeia, o elemento que não pode aparecer ou ser mudado é a presença negra que, como no restante do país, na forma de escravos, foi um fator fundamental à economia local (MORAES, SOUZA, 1999).

Moraes e Souza (1999) destacam em seu trabalho uma pontuação de Leite (1996), que afirma que “a invisibilidade do negro é um dos suportes da ideologia do branqueamento” (LEITE, 1996, APUD MORAES, SOUZA, 1999). No entanto, é preciso dizer que esse processo de construção de uma identidade “branca” não está restrito apenas a Curitiba. Em seu livro *Um Brasil Diferente* (1989), Wilson Martins se aprofunda em como foi desenvolvido o projeto de uma imagem diferente para região Sul, com foco no Paraná, que se destacasse dos estados do Norte e Nordeste do Brasil — regiões onde a população negra mais se concentra¹⁵.

¹⁴ Acesso a informação <<https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/historia-imigracao/208>>

¹⁵ Acesso completo aos dados do IBGE <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/sociedade-e-economia/15963-distribuicao-espacial-da-populacao-segundo-cor-ou-raca-pretos-e-pardos.html?=&t=acesso-ao-produto>>

Assim é o Paraná. Território que, do ponto de vista sociológico, acrescentou ao Brasil uma nova dimensão, a de uma civilização original construída com pedaços de todas as outras. Sem escravidão, sem negro, sem português e sem índio, dir-se-ia que a sua definição humana não é brasileira (MARTINS, 1989, p. 446).

Esse processo de apagamento da população negra, que se pautou da ideia de que não houve escravidão do Paraná, foi ainda mais disseminado durante o desenvolvimento do Paranismo no século XX, que visava construir uma nova identidade para o estado (BATISTELLA, 2012). Geraldo Camargo (2007) faz uma grande contribuição ao analisar a obra de Romário Martins.

Em 1899, Romário Martins afirma na sua História do Paraná que “a população negra e mestiça de negro nunca foi numerosa no Paraná”. Isto é desmentido por trabalhos posteriores que demonstram que a participação “de escravos, índios e africanos, e seus descendentes foi bastante significativa na formação do efetivo populacional do Paraná, tendo persistido durante largo período, imprimindo a essa população as mesmas características do modelo clássico de formação da população brasileira” (CAMARGO, 2007, p.50)

Essa construção do pensamento de que não houve uma presença negra significativa no estado também é analisado por Glaucia Pereira do Nascimento, que em sua dissertação intitulada *Territorialidades Negras em Curitiba-PR: Resignificando uma cidade que não quer ser negra*, recuperou uma série de dados e documentos que evidenciam a presença e a luta da população negra. De acordo com a autora, essas comprovações surgem desde o século XIX.

A contradição desse discurso curitibano da não existência negra na construção da cidade pode ser evidenciada já com a primeira imagem pintada conhecida de Curitiba, realizada por Jean Baptiste Debret no ano de 1827. A pintura retrata a cidade vista do Alto São Francisco, próximo do que viria a ser a Praça Garibaldi, apontando para a construção da Igreja de São Francisco de Paula, que não foi finalizada e hoje é conhecida como as Ruínas de São Francisco. No quadro, há um mastro representando a marujada e a presença de um homem negro cortando pedras nas Ruínas que poderiam ser da Capela de São Francisco de Paula (1809) ou da Igreja do Rosário (1737) (NASCIMENTO, 2020, p.50)

No entanto, uma vez que a construção dessa imagem tenha sido introduzida, o apagamento dos negros em Curitiba ganhou ainda mais folego durante as etapas de planejamento e desenvolvimento da cidade. Carvalho (2017) destaca que

[...] o Movimento Paranista forjou uma identidade cultural para o estado do Paraná, com heróis e mitos de origem onde o negro não é citado, entre as décadas de 1960 e 1970, o projeto urbanístico, que visava um modelo de desenvolvimento planejado e a modernização de Curitiba, ajudou, e muito, para que essa invisibilidade se materializasse na cidade. Esse projeto, que tinha como objetivo solucionar alguns problemas urbanos que haviam surgido (como loteamentos clandestinos, devido ao crescimento desordenado; inundações frequentes no centro da cidade, entre outros), excluiu o negro da área de visibilidade de Curitiba. Para efetivação desse planejamento, as regiões metropolitanas tiveram uma importância crucial, pois possibilitaram a preservação da positividade em torno da imagem da capital Curitiba. Portanto, o sucesso do planejamento urbano dessa capital também contribuiu para invisibilidade/exclusão do negro, ajudando a criar a ideia de Curitiba ser uma das melhores cidades do mundo para se viver (CARVALHO, 2017, p.8).

Todo esse projeto sociopolítico instituído deu espaço para o desenvolvimento de uma identidade nova para a capital paranaense, que tem permanecido até a atualidade e situado de forma intrínseca nas ações e pensamentos da população.

A invisibilidade negra em Curitiba não ocorre apenas através das representações e discursos da cidade, mas também nas relações sociais. Um grande número de pessoas negras juntas na cidade curitibana causa certo estranhamento por parte de algumas pessoas (NASCIMENTO, 2020, p.49).

Diante de todos os apontamentos trazidos acima, é possível insinuar que o apagamento da história da população negra de Curitiba foi necessário para seu estabelecimento como “cidade modelo”. Essa invisibilidade, ainda que muito desconhecida e pouco comentada por seus moradores, continua imprimindo a ideia de uma cidade branca e, muitas vezes, fazendo com que os negros aqui existentes não sejam validados como curitibanos. Ainda que projetos como o Linha Preta, o Afrocuritiba e diversos grupos de resistência e luta da população negra estejam desenvolvendo ações para desestimular essa visão, a imagem hegemônica que foi arquitetada parece estar longe de ser desconstruída pela sociedade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esse trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, uma vez que apresentou as informações de maneira não numérica, mas sim, interpretativa para chegar a uma compreensão maior sobre o tema (GIL, 2002). Também é preciso

considerar que, devido a pouca quantidade de pesquisas sobre o Afroturismo no Brasil e o intuito deste trabalho de saber mais sobre o tema, é possível afirmar que igualmente ele se caracteriza como uma pesquisa exploratória (GIL, 2002).

Nos próximos tópicos, serão expostos de forma detalhada os procedimentos metodológicos aplicados na pesquisa, assim como também os procedimentos realizados para a análise dos resultados finais.

3.2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica possui uma parte primordial para o desenvolvimento de qualquer trabalho científico, uma vez que é sobre a teoria que o pesquisador poderá formular problemas, identificar lacunas e propor hipóteses que serão comprovadas ou refutadas posteriormente pelos dados coletados e analisados (DENCKER, 1998). Por isso, é necessário não apenas expor as informações e interpretações de outros autores, mas como também relacioná-los de forma crítica e sintética (DENCKER, 1998; LAVILLE; DIAONE, 2008).

Nesse sentido, o marco teórico deste trabalho contou com quatro etapas. Na primeira, foi preciso se aproximar da questão racial no Brasil para compreender suas dinâmicas e problemáticas. Na segunda, foi proposto uma discussão sobre a construção da identidade dos indivíduos e, principalmente, a sua afirmação enquanto grupo social. Na penúltima, o Afroturismo ganhou destaque, visto que esse é o principal tema do trabalho. Por fim, também se mostrou preciso falar de Curitiba para entender como a cidade se relaciona com as questões anteriormente apresentadas.

Para a seleção dos trabalhos, foram utilizados o Periódico Capes, o Publicações de Turismo e o Google Scholar, que foi a plataforma que mais retornou produções sobre o Afroturismo nesta primeira etapa. Para todos os quatro tópicos do marco teórico foram utilizadas palavras-chaves relacionadas ao tema durante a busca. Elas podem ser visualizadas na íntegra abaixo.

QUADRO 1 - PALAVRAS-CHAVE UTILIZADAS DURANTE A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Tópicos Abordados	Palavras-chaves
A questão racial no Brasil	Racismo; Raça, População Negra Brasileira; Negros
Afirmações Identitárias	Identidade; Construção da Identidade; Identidade Negra; Afirmações Identitárias
Afroturismo	Afroturismo; Turismo Afrocentrado; Turismo Étnico; Turismo Étnico-racial; Turismo e Negros.
Curitiba e sua relação com a Negritude	Curitiba; Negritude; Invisibilidade Negra; Representatividade Negra; Paraná; Capital Europeia

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Nesta etapa, o intuito não foi realizar uma pesquisa sistemática sobre os temas, mas sim, localizar trabalhos que pudessem ajudar no aprofundamento do marco teórico. Devido à dificuldade de encontrar pesquisas sobre o Afroturismo, muitos trabalhos também foram utilizados para ajudar o pesquisador a encontrar outras publicações importantes para um melhor entendimento.

Os trabalhos selecionados foram lidos, grifados e organizados em um mapa conceitual para melhor assimilação. Em seguida, após as reflexões construídas, a bibliografia passou a ser desenvolvida, ajudando na elaboração do instrumento de coleta e análise dos dados que será exposto a seguir.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados tem por objetivo obter informações sobre a realidade do que se deseja pesquisar (DENCKER, 1998). Este trabalho contou com a entrevista (APÊNDICE 1, 2 e 3) para realizar suas análises.

3.3.1 Entrevistas

As entrevistas são um dos métodos de coleta de dados mais frequentes nas pesquisas qualitativas, pois caso sejam respondidas pelos entrevistados, oferecem ao pesquisador as informações necessárias para atingir seus objetivos (DENCKER,

1999). Neste trabalho, foram entrevistados três grupos considerados importantes pelo pesquisador: empresas e projetos ligados ao Afroturismo (APÊNDICE 1), Instituto Municipal de Turismo de Curitiba (APÊNDICE 2) e o Um Baile Bom, um evento focado na população negra. (APÊNDICE 3).

As empresas e projetos ligados ao Afroturismo foram selecionados de forma intencional pelo pesquisador, que levou em consideração o tempo do desenvolvimento de suas atividades e sua visibilidade no mercado. Elas foram encontradas em uma notícia do site Guia Negro, que destacava as novas empresas do segmento no Brasil. Devido ao longo processo que a transcrição exige, foi delimitado a entrevista com apenas 5 organizações. No entanto, uma delas se recusou a participar da pesquisa e foram coletadas respostas unicamente das apresentadas no Quadro 2.

QUADRO 2 - EMPRESAS E PROJETOS DE AFROTURISMO SELECIONADOS

Agências	Descrição
Brafrika	A Brafrika foi criada por Beatriz Moremi no final de 2018 e é uma agência de viagens focada em afroturismo. Os destinos comercializados em sua maioria são locais que tiveram uma forte história ancestral sobre a população negra ¹⁶ .
Guia Negro	O Guia Negro nasceu em 2017 e é uma plataforma que produz conteúdos sobre viagens, cultura negra, afroturismo e black business. Em 2021, eles se juntaram à agência Black Bird Viagem, com quem desenvolvem uma série de produtos turísticos ¹⁷ .
Diáspora.Black	O Diáspora.Black se denomina como um negócio de impacto social que possui o intuito de promover o conhecimento de lugares, histórias e patrimônios da população negra. Em 2022, eles receberam o troféu de Empreendedor Social do Ano pela Folha de São Paulo ¹⁸ .

¹⁶ Acesso ao site <<https://brafrika.com.br/pages/nossa-empresa>>

¹⁷ Acesso ao site <<https://guianegro.com.br/quem-faz/>>

¹⁸ Acesso ao site <<https://hospedagem.diaspora.black/sobre/>>

Afrotrip	A Afrotrip é uma agência de afroturismo com foco em turistas negros de outros países. A empresa atua no mercado desde 2016 trazendo tanto turistas para o Brasil, como também criando grupos de viagens para destinos internacionais, como é o caso da Colômbia e Curaçao ¹⁹ .
----------	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

As entrevistas foram realizadas de forma online, uma vez que todas as empresas e projetos estão situados fora de Curitiba. A plataforma utilizada foi o Zoom e os encontros foram gravados na íntegra sob autorização prévia. O roteiro de entrevista formatado é semiestruturado e não foi estipulado um tempo para que o entrevistado falasse sobre o tema.

O Instituto Municipal de Turismo de Curitiba também foi entrevistado a fim de fornecer uma visão do setor público da cidade sobre o Afroturismo. Também se considerou importante realizar a entrevista com o órgão para compreender possíveis obstáculos que pudessem ser encontrados no desenvolvimento do projeto. O roteiro de entrevista utilizado também é semiestruturado e igualmente não foi definido tempo limite para o entrevistado. Todavia, diferente do grupo anterior, o encontrou com o órgão se deu por via presencial e a entrevista também foi gravada para transcrição e análise.

O último entrevistado do trabalho foi o evento Um Baile Bom. Inicialmente, o intuito do pesquisador era entrevistar três organizações negras presentes em Curitiba. Foi considerado importante entrevistar esse grupo devido ao seu histórico de luta e resistência da cidade, assim como também a possibilidade de obter mais informações sobre locais de cultura e lazer direcionados para a população negra. No entanto, apenas o Um Baile Bom aceitou participar da pesquisa. A entrevista foi realizada por videochamada e, assim como os outros dois grupos, o roteiro de entrevista foi semiestruturado e os encontros gravados mediante aprovação.

¹⁹ Acesso ao site <<https://www.afrotrip.com.br/aboutus>>

QUADRO 3 - DESCRIÇÃO DO UM BAILE BOM

Movimentos Negros de Curitiba	Descrição
Um Baile Bom	O Um Baile Bom se denomina como um movimento-festa-ato político de mobilização da população negra de Curitiba e região. Inspirado nos tradicionais bailes black dos anos 1970 e 80, o local já recebeu mais de 6000 pessoas em toda sua história ²⁰ .

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Todos os entrevistados foram contatados respectivamente por e-mail, WhatsApp e Instagram.

3.3.2 Pesquisa bibliográfica

Para a elaboração do projeto de turismo foi preciso levantar dados sobre locais importantes para a história da população negra em Curitiba. Por isso, os trabalhos selecionados foram:

QUADRO 4 - TRABALHOS SELECIONADOS PARA COLETA DE DADOS EM CURITIBA

Trabalhos selecionados	Descrição
Linha Preta	O Linha Preta é um roteiro turístico de Curitiba que passa por 21 pontos marcados pela presença negra na capital paranaense. O projeto é antigo na cidade e foi relançado em 2018 por alunos de jornalismo da UniBrasil em parceria com o Centro Cultural Humaita.
Dos Traços aos Trajetos: A Curitiba Negra entre os séculos XIX e XX ²¹	O Livro “Dos Traços aos Trajetos” é escrito pelas pesquisadoras Brenda Santos, Geslline Braga e Larissa Brum. A obra demorou mais de uma década para ser lançada e traz relatos e reflexões sobre a população negra de Curitiba entre os séculos XIX e XX.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

²⁰ Acesso ao site <<https://umbailebom.wordpress.com/>>

²¹ Acesso á página do livro <<https://dostracos.wordpress.com/>>

O Linha Preta foi encontrado durante pesquisas na internet, enquanto o livro “Dos Traços aos Trajetos” foi sugerido por uma das pessoas entrevistadas. Durante o andamento da pesquisa, também cogitou-se utilizar textos e documentos do projeto de extensão AfroCuritiba, porém o site esteve inacessível durante todo o período.

Os dois trabalhos selecionados foram lidos na íntegra no intuito de identificar locais que pudessem fazer parte do projeto final desta pesquisa. Os pontos selecionados para o projeto de turismo foram apresentados no capítulo 5 deste trabalho.

3.3.3 Tratamento e análise dos dados

Após as leituras realizadas para a construção do marco teórico e a elaboração do instrumento de coleta de dados, se mostrou necessário pensar em uma metodologia que pudesse servir como base para a interpretação dos resultados. No primeiro momento, a análise começou a ser realizada a partir do método de Análise de Conteúdo elaborado por Laurence Bardin (2001). No entanto, devido às características das respostas dos entrevistados e a contextualização social apresentada anteriormente, entendeu-se que a técnica limitava as interpretações necessárias para responder aos questionamentos da pesquisa.

Dessa maneira, foi preciso encontrar uma nova metodologia que pudesse servir como base para a análise. O método encontrado foi a proposta hermenêutica-dialética elaborada por Minayo (2014). Nessa técnica, composta pelas fases de ordenação dos dados; classificação dos dados; e análise final, às falas dos entrevistados são relacionadas com seus contextos sociais na tentativa de compreender como a fala é produzida. Além disso, o método exige uma atenção aos aspectos que vão além do discurso, como gestos e comportamentos, já que eles também podem expressar as ideias centrais que os atores tentam transmitir (MINAYO, 2014).

Para Minayo (2014) o conceito de metodologia também está diretamente ligado com a criatividade do pesquisador. Segundo a autora, ela é

[...] a marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações científicas” (MINAYO, 2014, p.44).

A autora ainda escreve que

Essa "criatividade do pesquisador" corresponde a sua experiência reflexiva, a sua capacidade pessoal de análise e de síntese teórica, a sua memória intelectual, a seu nível de comprometimento com o objeto, a sua capacidade de exposição lógica e a seus interesses (MINAYO, 2014, p.44).

Por esse motivo, a organização e apresentação dos resultados desse trabalho também foram realizadas da forma mais lógica encontrada pelo pesquisador, a fim de que o método hermenêutico-dialético pudesse ser aplicado o mais próximo possível de sua essência nas características específicas deste estudo.

Sendo assim, em um primeiro momento as entrevistas foram transcritas, lidas e novamente ouvidas pelo pesquisador na tentativa de encontrar elementos que pudessem escapar do texto, como pausas, reformulações, inseguranças da fala, entre outros aspectos. Essas observações foram anotadas e posteriormente relacionadas como a apresentação dos resultados.

Em seguida, as entrevistas foram lidas novamente e passaram a ser ordenadas e classificadas. Devido às diferenças entre os grupos analisados e as perguntas específicas para cada um deles, foi preciso criar categorias de análise homogêneas, já que elas são necessárias para trazer comparações e contrastes para as interpretações (MINAYO, 2014). Assim, para atingir os objetivos desta pesquisa, foram criadas três categorias de análise, responsáveis por guiar a apresentação e interpretação dos resultados. São elas: Percepção sobre o Afroturismo; O Afroturismo em Curitiba; e Desenvolvimento do Afroturismo;

Além disso, também foi realizada uma descrição geral sobre o perfil dos entrevistados para ajudar nas interpretações realizadas.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Conforme descrito na metodologia, foram realizadas ao todo 6 entrevistas. Destas, 4 foram feitas como agências e projetos de afroturismo, 1 com o Um Baile Bom e 1 com o Instituto Municipal de Turismo, cujo as perguntas foram respondidas por duas pessoas. Apesar de não ter realizado nenhum questionamento quanto a

identificação de gênero dos participantes, a informação ficou clara durante as entrevistas pela forma como os entrevistados se apresentaram e se referiam a si mesmos. Por isso, é possível dizer que dos 7 entrevistados, 5 eram mulheres e 2 eram homens. Além disso, 5 eram negros, enquanto 2 eram brancos. Com exceção das 2 representantes do IMT, os demais, formados pelas agências, projetos e pelo um Baile Bom, eram negros.

Em relação ao IMT, a entrevista aconteceu no dia 14/12/2022 e as perguntas foram respondidas por duas servidoras do local, que acharam melhor estarem juntas durante a entrevista. Por esse motivo, elas serão identificadas como Representante IMT 1 e Representante IMT 2. Uma das profissionais não é formada em turismo, mas ambas trabalham no órgão há alguns anos e possuem conhecimento na elaboração de produtos, cursos e atendimento ao público.

Quanto ao Um Baile Bom, a entrevista aconteceu no dia 06/12/2022 e a entrevistada será identificada como Representante Baile. Durante o encontro, o forte engajamento com as questões raciais ficou evidente na fala. A entrevistada também não é formada em turismo, mas já trabalha com o setor cultural a alguns anos desenvolvendo eventos em Curitiba e realizando pesquisas de cunho histórico-social.

Quando se trata das agências e projetos de afroturismo, as entrevistas foram realizadas entre os dias 17/11 a 12/12/2022. Dos 4 entrevistados, apenas uma possui formação em turismo. No entanto, todos eles resolveram abrir seus negócios após experiências negativas em relação à questão racial, como racismo em viagens e a falta de visibilidade de pessoas negras em destinos turísticos. Para facilitar a apresentação dos dados, o grupo será identificado como Agência 1, Agência 2, Projeto 1 e Projeto 2.

4.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.2.1 Percepção sobre o Afroturismo

As agências e projetos de afroturismo foram os que mais demonstraram possuir uma ampla percepção sobre o segmento, já que ele é justamente o instrumento de trabalho do grupo. Os 4 entrevistados mostraram-se empolgados, seguros e convictos do que estavam falando durante toda a entrevista. As definições

de afroturismo oferecidas por eles foram amplas, com os participantes colocando suas experiências pessoais, profissionais e também de visão de mundo.

O afroturismo não tem ainda uma definição certa porque ele engloba tanto pessoas que querem viajar para descobrir a história afro de um lugar, como também pessoas pretas viajando, seja lá qual for o motivo. Então eu acho que é um movimento de inclusão de pessoas pretas no turismo. E quando eu falo em inclusão, não digo dessas pessoas apenas como turistas, mas também na cadeia da atividade, gerenciando hotéis, gerenciando empresas grandes. Então o afroturismo não é só o turista, é toda uma cadeia, todo um pensamento. Você como pesquisador também faz parte (AGÊNCIA 1, 2022).

O afroturismo em uma definição técnica é uma vertente do turismo cultural e do turismo de experiência. É um turismo de conhecer a história e cultura negra por meio do museu, por meio de gastronomia, por meio da música, enfim. Mas ele é também, em uma nova definição que tenho dando, afeto, afronto e futuro. Afeto, porque quando você vai visitar um local de afroturismo, mais do que conhecer uma loja ou um espaço, você vai ter uma troca muito significativa com a pessoa que pensou naquele lugar, então tem uma possibilidade de conexão que é única. Afronto, porque a gente ainda precisa demarcar nossas posições, nossos espaços. Pessoas negras andando juntas ainda causam espanto, não é o padrão de normalidade. E também é futuro, mas é o futuro do presente, porque a gente fala que a partir do momento que as pessoas viajam pelo afroturismo, elas não querem mais viajar de outra forma, então a gente ainda está construindo essa nova forma de viajar (PROJETO 1, 2022).

[...] o afroturismo é um segmento que a gente pode ser a gente mesmo, que a gente pode ser o que a gente entender, como um movimento...um movimento em que a gente, pessoas negras, estão ocupando, visitando, viajando e consumindo esse mercado. E aí, tem uma série de olhares para atender as necessidades desses clientes, seja do ponto de vista de tratamento de qualidade igualitário, mas também nessa oferta de atrativos. Então, o afroturismo é esse movimento das pessoas negras se conectando com sua história, se conectando com os seus patrimônios, com os patrimônios dos legados, com a cultura negra de cada lugar (PROJETO 2, 2022).

Eu acho que quando a gente fala em pegar a comunidade negra e colocar na centralidade desses produtos que já são trabalhados pelo turismo tradicional, você está fazendo afroturismo (AGÊNCIA 2, 2022).

A partir das respostas, observa-se que as agências e projetos possuem uma visão do afroturismo similar a dos autores apresentados no marco teórico. Elas englobam desde aspectos identitários, como também questões históricas, sociais e econômicas. Ainda que diferentes, as definições se complementam e permitem ter uma visão ainda mais profunda sobre como o segmento impacta os indivíduos que o produzem e o consomem.

Quando abordado os benefícios do afroturismo, os entrevistados também trouxeram perspectivas variadas.

Eu acho que o afroturismo é transformador e libertador, porque as pessoas pretas, aqui no Brasil, elas sempre foram treinadas e educadas para trabalhar. Então minha família não tinha o hábito de viajar, no máximo visitar parentes e depois já voltar. Mas agora temos uma geração que já possui melhores empregos e essa geração quer o que? Descansar. Então, quando você descobre que pode descansar mas também se conectar com sua essência, com sua história, com um grupo de pessoas pretas, tendo liberdade para ser quem você é, é transformador (AGÊNCIA 1, 2022).

Os benefícios de uma forma geral, acho que é a circulação de dinheiro entre pessoas negras [...] e o empoderamento que ele provoca nas pessoas pretas também. São vários os ganhos que eu vejo (PROJETO 1, 2022).

Vai desde encontrar um amor, abrir ou fortalecer seu negócio, criar amizades e histórias para o resto da vida, aumentar a autoestima, muita coisa. Cada viagem que a gente faz, cada proposta que a gente coloca, o retorno sempre vai muito além do que a gente imagina (AGÊNCIA 2, 2022).

Olha, eu acho que ele demarca. O turismo constrói imagens, né? Imagens sobre uma cidade, uma sociedade. Por muitos anos o Brasil vendeu uma imagem de ser país de praias, de mulheres de biquínis, hipersexualização, de futebol e só isso. Mas quando a gente vai trabalhando e vendo as manifestações culturais do país, a gente entende que elas são influenciadas por diversas manifestações, mas, sobretudo pela cultura negra, em diversos territórios da cidade. E isso foi muito invisibilizado. Então, eu acho que os principais benefícios do afroturismo é justamente colocar esse holofote sobre essa memória, sobre essa contribuição da população negra na construção dessa identidade nacional (PROJETO 2, 2022).

As respostas do grupo permitem visualizar os benefícios do afroturismo para além do macroambiente. Por se colocarem tanto nesses lugares de quem produz, mas também de quem pratica essa atividade turística e convive com outras pessoas que o consomem, os pontos de vista aqui são muito mais pessoais. Durante a entrevista, alguns deles se aprofundaram nas falas, relatando casais negros que surgiram a partir das viagens, filhos, pessoas que estavam fazendo terapia para perder o medo de avião e poder viajar em grupo com as agências, pessoas que tinham medo de fazer uma viagem internacional devido ao racismo e que perderam o receio depois da experiência, entre outros. Isso aponta, como colocado na fala da Agência 1, que o afroturismo pode realmente ser libertador e transformador para algumas pessoas — em diversos sentidos. A Agência 2 também relatou o impacto que seus grupos de viajantes já causaram em cidades que passaram. A entrevistada contou que uma

parceria com uma cozinheira de Maceió, para fornecer refeições ao grupo, deu mais confiança para que a profissional pedisse demissão do emprego onde estava e investisse no seu próprio restaurante. Atualmente, segundo a agência, o local tem funcionado bem e participado dos produtos da empresa na cidade.

Todos os participantes do grupo também afirmaram que o afroturismo cresceu nos últimos anos e que está em expansão no Brasil.

Eu, por exemplo, vejo muitos estudantes como você que tem procurado a gente para fazer entrevistas, coisas que não aconteciam antes. Eu acredito que daqui para frente vai entrar também na pauta de secretarias de turismo. Em Salvador mesmo, agora eles criaram o projeto de Salvador Capital Afro. Então, eles estão investindo pesado para mostrar esse lado de Salvador. Eu estive na feira da Abav, que foi em Recife este ano, então você vê que as entidades estão devagarinho, mas estão se movimentando (AGÊNCIA 1, 2022).

[...] quando a gente surgiu em 2017, a gente tinha poucas empresas. Hoje a gente tem várias empresas, em várias cidades, cada vez surge uma nova. Então isso é muito legal e muito interessante. Eu fico muito feliz de ver tudo isso acontecendo. Ainda não é conhecido pela grande massa, mas eu acho que é apenas uma questão de tempo (PROJETO 1, 2022).

No entanto, as agências e projetos também ressaltaram que a realidade está longe de ser confortável para o setor e que é preciso continuar investimento no afroturismo para garantir o seu desenvolvimento.

A gente tem um país que tem 56% da população negra e que a gente não vê isso nos monumentos, a gente não vê isso nos aviões, então são pessoas que ainda estão entendendo que elas podem viajar. A gente tem histórias negras em todas as cidades brasileiras que são pouco contadas e que possuem um grande potencial (PROJETO 1, 2022).

De forma unânime, o grupo afirmou que o afroturismo contribui para a luta antirracista. Além disso, eles também trouxeram falas parecidas em relação ao feedback dos turistas, apontando que costumam ser positivos e normalmente com os clientes relatando como a experiência mexeu com cada um deles.

Em relação a percepção do afroturismo para o Um Baile Bom, A Representante Baile afirmou que já tinha ouvido falar sobre o segmento e que na época em que morava na cidade — atualmente só realiza o evento no município — tentou desenvolver roteiros e outros projetos afros na Fundação Cultural de Curitiba. No entanto, as propostas não foram para frente e acabou que apenas iniciativas

autônomas foram criadas, como o Linha Preta e o AfroCuritiba. Como as perguntas da entrevistada foram direcionadas para a capital paranaense, o recorte desta pesquisa, suas falas serão apresentadas na próxima categoria de análise.

As representantes do IMT afirmaram de forma breve que já tinham ouvido falar sobre o afroturismo, mas que não tinham um conhecimento profundo em relação ao tema. No decorrer da entrevista, isso ficou ainda mais evidente, pois em algumas questões, as entrevistadas forneciam respostas curtas ou tentavam elaborar algo mais completo com o que elas possuíam no imaginário em relação ao segmento. A insegurança das servidoras apareceu com muita força nos comentários realizados, onde às vezes mesmo após fornecer uma resposta que contemplasse as perguntas, elas voltavam atrás e diziam um “não sei” no final da frase, colocando em dúvida para si mesmas o que tinham acabado de dizer. Algumas falas selecionadas também serão destacadas nas próximas categorias.

4.2.2 O Afroturismo em Curitiba

Antes de apresentar a perspectiva dos entrevistados sobre o afroturismo em Curitiba, é preciso relembrar a discussão inicial deste trabalho acerca do desenvolvimento do segmento em cidades que não tiveram uma grande diáspora africana. As agências e projetos foram questionadas sobre essa possibilidade.

[...] Claro que sim! Muitas vezes a gente pensa muito com o olhar do passado, como você falou em relação à diáspora africana. Isso é muito importante porque é a nossa raiz, mas a gente não pode esquecer que se existem pessoas pretas em um lugar, elas estão criando cultura. Estão criando cultura na contemporaneidade, criando cultura agora. Então, às vezes em Curitiba você não vai fazer um roteiro que vai pegar 1700, 1800, como normalmente acontece em Salvador. Mas talvez você vai pegar coisas de movimentos urbanos que surgem na cidade. Então assim, eu acho que o afroturismo não tem uma coisa de ser só o que veio da África. A gente continua aqui, então a gente tem esse potencial de também ser os protagonistas. Quem está fazendo história agora em Curitiba você poderia falar? (AGÊNCIA 1, 2022).

Eu acho que com certeza e acho que será um grande diferencial, porque Curitiba é uma cidade vista como branca, mas que tem uma história negra muito importante [...] Eu sempre utilizo Curitiba e Porto Alegre como exemplos, porque as pessoas não pensam nessas cidades quando pensam no afroturismo. Elas são não exemplos por serem cidades em que não é imaginável que tenha um turismo negro. Mas quando eu estive em Porto Alegre, a minha experiência foi muito legal, tive a oportunidade de me conectar com outros lugares, outras histórias (PROJETO 1, 2022).

Absolutamente, porque eu acredito que o afroturismo é passado, presente e futuro. Então, assim, se você não teve uma grande diáspora africana nesse lugar, mas hoje você tem uma comunidade negra que se movimenta, que cria, que faz coisas, é possível fazer afroturismo ali (AGÊNCIA 2, 2022).

As respostas acima mostram que, apesar da história também ser importante, uma atividade de afroturismo não precisa estar sempre conectada com o passado. Colocar esse requisito no desenvolvimento do segmento pode ser uma maneira de limitar a existência da população negra a períodos anteriores e não considerar o que está sendo produzido no agora.

Ao fazer o recorte sobre como Curitiba especificamente poderia trabalhar o afroturismo, as agências e projetos pontuaram ações idênticas com a pergunta “Como o afroturismo deve ser trabalhado?”, que faz parte da próxima categoria de análise. Por isso, serão expostas apenas duas respostas que trazem pontos interessantes para a reflexão.

Eu acho que precisa trazer um pouco das referências históricas, sabe? Trazer heróis, heroínas, mesmo que eles sejam anônimas. Eu acho que é muito importante bater nessa tecla, falar dessas pessoas para que elas sejam lembradas e sejam ressaltadas como elas merecem (PROJETO 1, 2022).

Eu acho que é preciso fazer algo como Porto Alegre, chutar a porta e colocar a cara a tapa, sabe? Dizer que tem preto aqui sim, tem terreiro aqui sim, tem samba aqui sim. Acho injusto a cidade fazer um branding de Europa, pois cabe a vocês, agentes pretos locais, a fazer um branding reverso, sendo que isso deveria ser coisa da Secretaria de Turismo (AGÊNCIA 2, 2022).

O primeiro ponto de vista ajuda a pensar nas possibilidades do desenvolvimento do afroturismo para Curitiba, como a criação de uma narrativa focada em heróis e heroínas. Isso pode viabilizar desde roteiros com foco na vida de personalidades negras, como igualmente a instalação de placas e monumentos em ambientes públicos. Além de cativar os turistas, essas figuras históricas também podem permitir que a própria população afrocuritibana se identifique, causando um sentimento de pertencimento.

Já a segunda resposta faz uma relação direta com o que foi discutido no tópico 2.2 do marco teórico sobre afirmações identitárias. Com base na fala da agência, é possível ver que o afroturismo também surge a partir de uma necessidade da população negra de impor suas vontades e de se afirmarem enquanto sujeitos na sociedade. E é interessante pensar que os exemplos oferecidos pelo grupo sejam

tanto Curitiba, como Porto Alegre, cidades de uma região que historicamente tentou apagar sua história negra, tal qual o paranismo e a construção de uma nova identidade.

Como destacado anteriormente, a entrevistada do Um Baile Bom afirmou que já possuía conhecimento sobre o afroturismo e que até tentou trabalhar com roteiros afros na cidade. Ela utilizou sua própria história para exemplificar como a população negra é inviabilizada em Curitiba dentro da área turística.

A parte do turismo é uma coisa que eu já estou inserida há muito tempo. A gente já tentou fazer projetos específicos e o máximo que a Fundação Cultural conseguiu na época foi jogar a gente para o turismo. Por conta da demanda da feira cultural do empreendedorismo, eles inventaram de inserir a praça Zumbi dos Palmares no roteiro dos ônibus que vão aos parques, mas foi o máximo que fizeram. O resto são tudo iniciativas autônomas ou da federal. Então é algo que eu estou familiarizada e vejo que eles invisibilizam sim, porque a maioria das iniciativas feitas são autônomas (REPRESENTANTE BAILE, 2022).

Esse exemplo aponta que o setor público de Curitiba já recebeu propostas para a inclusão da população negra no turismo da cidade, mas optou por não desenvolver esses projetos. Ainda sim, a Representante Baile acredita que o afroturismo pode trazer benefícios para os moradores do município.

Eu acho que só agrega, né? Acho que traz um sentimento de pertencimento. Acho que a grande questão dos roteiros, do turismo com recorte, talvez não seja nem tanto pro turista que vem de fora, mas ele funciona muito bem para a população de dentro. Para conseguir se entender pertencente a cidade (REPRESENTANTE BAILE, 2022).

O trecho da entrevista destacado se relaciona também com a construção de uma identidade negra em Curitiba e com o sentimento de pertencimento abordado pelas respostas das agências e projetos.

A entrevistada falou que, além do Um Baile Bom, não conhece outros espaços de lazer em Curitiba pensados nas pessoas negras, mas citou algumas casas de samba onde existe uma predominância dessa população, como o Cantão do Jorge e o Quintal da Maria. Ela também disse não conhecer restaurantes, agências de turismo ou hotéis comandados por empreendedores negros na cidade. Todavia, a entrevistada reconhece a importância do afroempreendedorismo e apontou que atualmente disponibiliza na página do evento o “Rede Preta”, um formulário para que esses empreendedores possam preencher e se aproximar de outros negócios. Para

a Representante Baile, essa é uma das maneiras de como o afroturismo poderia ser desenvolvido na cidade.

Acho que fechando parcerias com organizações. É muito interessante pensar nisso porque eles não conseguem fazer por si, como é o caso da própria Sociedade Treze de Maio, né? Que quando foi fundada ainda era centro, mas agora ela está deslocada dos pontos mais badalados da cidade. (REPRESENTANTE BAILE, 2022).

Outro ponto que também deve ser trabalhado pelo afroturismo na visão da entrevistada está em trazer questões políticas e sociais para a discussão. Um dos exemplos citados está nas dinâmicas espaciais no desenvolvimento de Curitiba e o afastamento da população negra para as bordas da cidade. Durante a entrevista, ela disse ainda acreditar que o afroturismo não deva ser usado para um “resgate” histórico e cultural, mas sim para trazer à tona os processos que tentam esconder e encobrir a história da população negra.

“Na própria Igreja do Rosário eles colocaram uma placa lá de ‘Santuário das Almas’ como uma forma de sobrepor a sua verdadeira história, como se fosse uma camada” (REPRESENTANTE BAILE, 2022).

Ao questionar sobre os espaços que poderiam entrar em um pacote de afroturismo para Curitiba, ela citou a Sociedade 13 de Maio, o Cemitério Municipal, a praça Zumbi dos Palmares e outros.

Devido a Curitiba ser o recorte da pesquisa, a entrevista com o IMT foi uma das que mais contribui para esta categoria de análise. Ao questionar as entrevistadas se elas acreditavam que o afroturismo possui campo para ser desenvolvido na cidade, a Representante IMT 1 disse que achava que sim devido ao segmento ser pouco trabalhado na cidade. Por outro lado, a Representante IMT 2 não respondeu diretamente à pergunta e disse que ficou sabendo sobre o tema a partir do autor deste trabalho, que realizou uma atividade conjunta com o Instituto em outro momento.

Quando perguntadas sobre quais vantagens o segmento poderia trazer para a cidade, foi citado o incremento da atividade turística e a valorização da cultura negra. Também ficou evidente na fala da Representante IMT 2 a própria surpresa ao se deparar com a história da população negra da cidade, contada nos percursos do Afrocuritiba e o do Linha Preta. A entonação da sua voz permitiu identificar que ela também visualiza como benefício do afroturismo a disseminação da história da população afrocuritibana. Respostas similares apareceram quando questionadas

sobre os pontos positivos que o segmento poderia trazer para a população negra da cidade.

Por um outro lado, as entrevistadas não concordaram totalmente com a ideia de que a história da população negra é invisibilizada em Curitiba quando se trata do turismo. “Agora eu acho que não, mas assim, não sei se completamente invisibilizada, talvez não muito difundida. Não era um assunto muito tratado, né? Há alguns anos atrás...acho que é algo que vem mudando” (REPRESENTANTE IMT 1, 2022).

Eu acho que sempre se falou. Sabe aquela história? Temos que falar? É a dita da cota, a cota da maneira errada, né? Temos que falar de PcDs, temos que falar dos afros... entendeu? Mas não é que temos que falar, isso faz parte do contexto histórico. Eu acredito que nesse momento a gente viva isso. (REPRESENTANTE IMT 2, 2022)

Nesse momento, a Representante IMT 2 começou a exemplificar o que estava tentando dizer. Ela citou um painel presente no Memorial de Curitiba que apresenta homens negros em situações subalternas aos brancos e mulheres negras com corpos hipersexualizados. Segundo ela, os guias da cidade sempre reclamam que a obra gera polêmicas entre os turistas.

[..] é um painel que foi feito lá nos trezentos anos de Curitiba, que não faz tanto tempo, mas era um outro contexto e hoje é muito mais forte quando você olha. Então hoje as coisas são muito mais...sabe? Elas estão mais suscetíveis. Inclusive, algumas pessoas dizem assim: “estamos na geração de uma meninada pobre, não posso mais falar isso que vira polêmica”, mas não é isso. É muito mais do que isso. Hoje as coisas estão mais na real e a gente precisa falar e discutir, porque ta falando da sua cor. Eu não tenho tua cor, então os teus sentimentos...a gente não consegue, sabe? Então não posso dizer que isso é mimimi. Entendeu? (REPRESENTANTE IMT 2, 2022).

Apesar de ficar evidente na fala da Representante IMT 2 a importância que ela vê em algumas questões sociais discutidas atualmente na sociedade, é preciso extrair o material propriamente dito em relação à pergunta realizada. Nesse caso, o que pode ser interpretado é que ela acredita que a história da população negra esteve sim presente na atividade turística de Curitiba nos últimos anos, mas que hoje o tema está mais latente devido ao próprio momento social. Apesar disso, não foram citados exemplos pela entrevistada de como a população negra foi representada na atividade turística da cidade.

Outro momento interessante da entrevista para se pensar nas dinâmicas raciais de Curitiba apareceram quando perguntado sobre as barreiras que o afroturismo pode enfrentar para ser desenvolvido na cidade.

É que é histórico, né? Essa questão da imigração, de trazer muito forte os poloneses, ucranianos, os alemães e essa formação que foi se criando. Mas acho que Curitiba está recebendo pessoas de muitos lugares né, já não dá para dizer assim que a gente tem pessoas só que nasceram aqui em Curitiba. Nossa, tem gente que vem do interior, tem gente que está vindo de outros estados de cima [...] então, acho que essa mistura tá acontecendo muito em Curitiba, eu não acredito que hoje as barreiras sejam tão fortes como era um tempo atrás, então por isso que eu acho que a gente tem tudo para avançar (REPRESENTANTE IMT 2, 2022).

Apesar da abertura demonstrada pela entrevistada em avançar nas discussões do afroturismo, fica evidente a visão em relação à própria formação da população de Curitiba. A conexão das pessoas negras com aqueles que vêm de fora da cidade pode ser ligada à questão racial de Curitiba, conforme desenvolvido no marco teórico, e o imaginário popular de que a cidade foi construída apenas pelos imigrantes brancos (MARTINS; 1989, MORAES, SOUZA, 1999; ALBUQUERQUE, 2003; NASCIMENTO, 2020).

Ainda em relação às possíveis dificuldades que o afroturismo pode enfrentar para ser desenvolvido na cidade, a Representante IMT 1 disse que há muito tempo o instituto tentava desenvolver uma atividade sobre o tema na cidade, mas que o medo do retorno impedia a execução.

Há muitos anos tentamos fazer alguma coisa nesse sentido, mas sempre emperrava porque as pessoas tinham um pouco de medo do retorno. E na verdade, no turismo ele não pode ser uma coisa assim tão aprofundada, né? Porque quem vem ao turismo está mais interessado em conhecer, saber um pouco, mas também não precisa ser aquela pós-graduação no assunto (REPRESENTANTE IMT 1, 2022).

A fala da entrevistada se conecta à entrevista realizada com o Um Baile Bom, onde a representante comentou sobre a dificuldade em desenvolver seus projetos na Fundação Cultural de Curitiba.

Em relação a opinião de projetos como o AfroCuritiba e o Linha Preta, a Representante IMT 2 disse: "A gente tem conceitos ali, né?". A maneira como ela colocou as palavras apontaram para uma divergência de opinião na forma como essas atividades são conduzidas. Um dos possíveis problemas para isso foi citado em outro

momento da conversa, onde elas comentaram que os guias de turismo da cidade possuem uma visão negativa desses roteiros por justamente não serem realizados por outros guias. No entanto, ambas servidoras concordaram que as iniciativas são interessantes e pioneiras na cidade.

Também é importante ressaltar as contribuições, segundo as representantes, que o IMT poderia fazer para o desenvolvimento do Afroturismo em Curitiba. A primeira delas é referente a Escola de Turismo do Instituto, que tem oferecido cursos para profissionais da área e abordado temas importantes no último ano, como a própria questão afro. Além disso, também falaram sobre o subsídio à iniciativa privada.

Uma coisa que a gente tenta fazer é subsidiar a iniciativa privada para trabalhar com isso. Porque assim, a gente lança os roteiros, mas a ideia é que as agências de receptivos, guias...que eles trabalhem com esses assuntos. A escola vai dar os cursos, a gente vai entregar o material para que eles possam trabalhar. Por isso o seu projeto é muito interessante também. Acho que essa é uma ação que a gente tem que tentar levar mais a fundo (REPRESENTANTE IMT 1, 2022).

Por fim, foi perguntado se o IMT acredita que Curitiba conta com profissionais capacitados para desenvolver o afroturismo na cidade. As entrevistadas disseram acreditar que não e que será preciso investir nisso, principalmente em relação aos guias de viagens e as suas formas de abordar o assunto. Elas também afirmaram não conhecer nenhum estabelecimento como agências, restaurantes ou hotéis na cidade comandado por afroempreendedores.

4.2.3 Desenvolvimento do Afroturismo

Para atender aos objetivos desta pesquisa, mostrou-se necessário perguntar às agências e grupos de afroturismo como o segmento deve ser trabalhado. Novamente, os apontamentos foram amplos e trouxeram uma série de condutas que devem ser levadas em consideração.

Eu acho que temos que trabalhar com coragem de fazer coisas grandes, coragem de fazer coisas inusitadas. Acho que o afroturismo tem que entender que ele faz parte do turismo e o turismo é uma cadeia importantíssima dentro da economia. Temos que pensar nisso, no potencial que temos em nossas mãos. Além de transformar os turistas que participam dessa experiência, ele também tem um fator econômico e social muito grande. Então assim, ele tem que ser visto dessa forma, que ele movimenta a economia, movimenta a cultura, movimenta vários setores (AGÊNCIA 1, 2022).

A primeira coisa que eu acho que não dá para ter no afroturismo são pessoas brancas à frente dos projetos. Acho que ele precisa ter pessoas negras pensando isso, contando as próprias histórias. Eu acho que é um trabalho de muita pesquisa, de muita responsabilidade também, porque são histórias que não estão óbvias, mas que estão presentes na nossa sociedade. Eu acho que o afroturismo não pode ficar preso só em histórias de dor e no passado. Essas histórias são importantes para a gente entender o que a gente está vivendo, como a gente chegou até aqui, mas acho que também precisa falar de potência, de cultura negra, de futuro, de presente. (PROJETO 1, 2022)

Antes de mais nada, deve ser trabalhado com carinho. Essa palavra é muito importante, porque para poder mapear os lugares, você normalmente vai passar por locais de dor, locais que tiveram muita energia ali. Obviamente, tudo depende do que você está falando, mas eu acho que carinho em muitos níveis. Carinho de você chegar e pedir licença para entrar em lugares, pedir licença para contar essas histórias. (AGÊNCIA 2, 2022)

É preciso pensar em quem é que você quer atender a partir desse roteiro, qual narrativa você está construindo, quais são esses pontos de visitação, destacar empreendedores negros. É um percurso de sempre conectar quem est a preocupado com esse prop osito. (PROJETO 2, 2022).

Como visualizado nas respostas, o grupo não forneceu um “roteiro” de como o afroturismo deve ser trabalhado, indicando etapas de planejamento ou execu o. Uma possível interpreta o disso   que, além dos produtos serem diferentes entre eles, o afroturismo ainda está sendo desenvolvido no país e esses empreendedores estão aprendendo as melhores maneiras de trabalhá-lo ao mesmo tempo em que o segmento se fortalece.

As dicas e informa es foram compartilhadas a partir de suas próprias experiências e incluem o respeito aos lugares de memória, a necessidade de ter pessoas negras   frente do desenvolvimento da atividade, a importância de ter um produto com atividades variadas, a inclusão da cultura negra que está sendo produzida na atualidade, entre outras.

O grupo também comentou sobre quais aspectos são imprescindíveis para o desenvolvimento do afroturismo.

O apoio do poder público. Na maior parte das cidades que a gente atua, a gente não tem isso. Acho que   ainda muito incipiente o apoio do estado ao afroturismo (PROJETO 1, 2022).

Além do roteiro em si, que tem que ser muito legal, é preciso focar também na qualidade e na segurança. Porque quando a gente fala em uma coisa para as pessoas pretas, às vezes a gente pensa em uma coisa com o valor mais baixo, porque fica com medo da pessoa não poder pagar e tal. Então eu acho que a gente tem que deixar isso um pouquinho de lado, que é o que eu tenho visto com os meus clientes. O afroturismo também pode ser uma experiência muito confortável, até luxuosa. Temos que pensar no conforto e no afeto daquela pessoa que saiu da casa dela para fazer essa experiência, então isso não pode faltar (AGÊNCIA 1, 2022).

A administração pública precisa ter intencionalidade ao mapear, identificar e trazer condições para que esses espaços sejam, de fato, celebrados e lembrados. E eu acho que junto com essa intencionalidade é legal a gente ter criatividade. Para trabalhar com o afroturismo precisa ter muita criatividade. E também é preciso, claro, de investimentos públicos (AGÊNCIA 2, 2022).

Acho que primeiro a cidade tem esse trabalho de olhar no espelho, de reconhecer um pouco da sua história. Então, é preciso buscar os elementos, buscar nas comunidades essa memória, que é uma memória cultural, intangível. Às vezes, ela está nas manifestações culturais, na gastronomia, na música. De certa forma, quando a gente vai fazer um trabalho em determinadas cidades para construir uma visão de afroturismo, primeiro a gente parte desse lugar de inventar, que não é um inventário só das construções, dos espaços urbanos, mas também, e sobretudo, dessa memória oral (PROJETO 2, 2022).

Em sua maioria, as respostas citaram a importância do envolvimento do poder público para o desenvolvimento do afroturismo. Algumas delas exemplificaram durante a entrevista a necessidade de sinalização nas cidades para a identificação de espaços de memória. A instalação de placas e monumentos permite que a história não seja apagada e que a presença da população negra seja reforçada nos municípios. Outros pontos imprescindíveis visualizados nas respostas estão no conforto que a experiência deve proporcionar para os turistas e a criatividade na hora de elaborar atividades de afroturismo.

4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As entrevistas com as agências e projetos de afroturismo trouxeram uma visão ampla e interessante para o segmento. Apesar das definições e benefícios apontados estarem relacionados com o entendimento de autores do marco teórico e também do próprio pesquisador, as respostas ampliam o olhar sobre os alcances que essa atividade turística possui em quem a desenvolve, em quem a pratica, e, também, nos lugares onde ela é desenvolvida. Apesar das entrevistas terem sido realizadas de

forma online, foi possível perceber o comportamento dos entrevistados durante todo o tempo. Muitas vezes, era perceptível que estavam falando não apenas como empreendedores, mas também como pessoas que acreditam no segmento e que conseguem enxergá-lo como um meio de reforçar tanto a sua própria identidade, como de outras pessoas negras. Um dos exemplos disso está nos motivos que levaram a abertura desses negócios, que como dito na caracterização dos entrevistados, foi devido a casos de racismo em viagens ou a falta de representatividade de turistas negros em destinos turísticos.

E esse também é um dos motivos pelo qual o afroturismo deve ser prioritariamente desenvolvido por pessoas negras. Além de um olhar para a própria história que apenas esses indivíduos possuem, eles podem estar mais preparados para criar produtos de afroturismo responsáveis, éticos e que atendam as necessidades identificadas por eles. No entanto, isso não deve ser um impedimento para que pessoas brancas também pratiquem o afroturismo — inclusive, é extremamente importante a participação, já que além de um maior conhecimento sobre a história da cidade, o combate ao racismo estrutural deve contar com a participação de todos.

A Representante Baile demonstrou um grande nível de conhecimento e segurança quando falou sobre as dinâmicas raciais que acontecem em Curitiba. Muitos pontos citados por ela se conectam diretamente com o afroturismo, como a demarcação de lugares, a representatividade, o sentimento de pertencimento e o próprio afroempreendedorismo. Suas respostas também trouxeram um relato importante sobre a tentativa de incluir a população negra no turismo da cidade em anos anteriores — uma dificuldade que também foi apontada pelas próprias representantes do IMT.

Assim como os afroempreendedores das agências e projetos entrevistados, a Representante Baile decidiu por conta própria criar um negócio em que ela acreditava e que poderia conectar pessoas com o mesmo propósito. Igualmente, projetos como o Linha Preta e o AfroCuritiba foram criados por ações autônomas e que não envolvem o poder público. Todavia, esses percursos da cidade são vistos com maus olhos pelos guias de turismo, ainda que eles não possuam um conhecimento ou uma visão suficiente para liderar turistas de afroturismo, como afirmado pelas próprias representantes do IMT. Além disso, os “conceitos” que esses percursos trazem talvez possam não agradar ao marketing turístico da cidade e, talvez, nem mesmo os guias

de turismo locais, que podem estar acostumados a falar de Curitiba a partir de uma outra narrativa.

É importante ainda dizer que essas discussões não visam atacar o Instituto Municipal de Curitiba e muito menos as pessoas que foram entrevistadas pela pesquisa. Durante o andamento deste trabalho, o órgão lançou um roteiro afro para a cidade. Essa ação, somada a algumas falas das entrevistadas, demonstram que o interesse e a importância na inclusão da população afrocuritibana no turismo pode estar caminhando para novos rumos. No entanto, pode ser preciso mais do que apenas disponibilizar um mapa aos turistas e convidar um projeto para realizar um percurso.

As divergências nas opiniões e pontos de vistas entre o IMT e os outros grupos analisados também pode estar relacionado ao fato da diferença racial entre eles. Talvez para a população branca de Curitiba, a cidade seja um exemplo na valorização das culturas dos diferentes imigrantes que colonizaram a região. No entanto, como destacado por Nascimento (2020) em seu trabalho, ainda hoje parece haver uma dificuldade no reconhecimento dos negros como curitibanos. Essa questão também ficou explícita na fala das representantes do IMT, quando elas foram questionadas sobre as barreiras que o afroturismo pode enfrentar em Curitiba.

Os dados da pesquisa ainda foram interessantes para compreender a visão das agências e projetos de afroturismo sobre o desenvolvimento da atividade em cidades que não tiveram uma grande diáspora africana. Os exemplos citados por eles demonstram que Curitiba possui um grande potencial para a atividade, visto que além de ser a capital mais negra do Sul do Brasil²², possui parte dessa população ativamente produzindo cultura e arte na cidade, como é o caso do Um Baile Bom, do artista Rimon Guimarães, da Marcha do Orgulho Crespo, da Sociedade Beneficente 13 de Maio e também de toda a história que a população negra tem produzida no território desde o seu início.

Por fim, as entrevistas com todos os grupos também mostram que o afroturismo carece de apoio e investimentos do Ministério do Turismo. Com mais da metade da população brasileira se considerando negra ou parda, existe uma grande oportunidade de trazer à tona histórias apagadas em diversas cidades e promover

²² Acesso ao dado completo <<https://sindijuspr.org.br/noticias/3/noticias/12256/capital-mais-negra-do-sul-curitiba-passou-por-branqueamento-estrategico-aponta-pesquisa>>

uma valorização da cultura negra, assim como elevar a autoestima e o sentimento de pertencimento de seus moradores. Investir no setor ainda é uma forma de atrair mais turistas internacionais para o país, já que o segmento está consolidado em outros lugares, como é o caso dos Estados Unidos.

5 PROJETO DE TURISMO

5.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO

Este projeto se propõe a ser um pacote de viagens de afroturismo para Curitiba. Como parte de um dos objetivos desta pesquisa, ele pretende não apenas trazer à tona os aspectos históricos da cidade, mas como também integrar o lazer e outros serviços presentes nos pacotes de viagens tradicionais, como transfers, guias e acomodação.

O principal público-alvo deste produto são os turistas de afroturismo, que como examinado no marco teórico e afirmado pelas agências entrevistadas, está crescendo no Brasil e atraindo cada vez mais pessoas. É importante ressaltar que apesar do foco em quem já realiza o afroturismo, o pacote de viagens é aberto a todos os públicos, podendo inclusive funcionar como uma forma de aumentar o número de permanência dos turistas que já visitam Curitiba ou mesmo incentivar o retorno à cidade para uma nova experiência de viagem.

O produto turístico foi formatado pensando em ser comercializado tanto pelas agências e projetos de afroturismo entrevistados neste trabalho, como também por outros projetos/agências de afroturismo existentes no Brasil. Por isso, durante o desenvolvimento foi levado em consideração as visões e os valores em comum de todos eles.

Diante das atividades selecionadas para este projeto, é necessário dizer que o seu valor para o consumidor final pode não ser tão acessível como outros pacotes para Curitiba comercializados por agências tradicionais. Todavia, ele também não se propõe a ser “barato”, uma vez que o produto procura oferecer uma experiência única ao viajante, ao mesmo tempo em que realiza pagamentos justos a todos os fornecedores envolvidos, favorecendo assim, o afroempreendedorismo de Curitiba.

5.1.1 Construção do pacote de viagens

O pacote de afroturismo para Curitiba foi construído a partir de 3 fontes principais: o livro *Dos Traços aos Trajetos: A Curitiba Negra Entre os Séculos XIX e XX de Santos* (2019) em conjunto com outros autores; o site da Linha Preta, roteiro já anteriormente apresentado; e com informações retiradas das entrevistas. Também foi usado como apoio sites que trouxeram informações complementares, como o Turistória²³ e o da própria Prefeitura de Curitiba — quando utilizados, foram referenciados nas notas de rodapé.

Os locais selecionados foram escolhidos de acordo com sua história, importância para a cidade e proximidade com outros pontos. A seleção também levou em consideração o tempo total disponível nos dois dias para não torná-lo muito cansativo.

Serviços turísticos como hotel e transfer tiveram os seus preços estimados tanto em sites da internet, como o Booking.com, como também entrando em contato com fornecedores para fazer cotações. Já em relação aos guias de turismo, os preços foram estimados junto com o IMT.

Os restaurantes escolhidos para almoço e jantar já eram de conhecimento do pesquisador e foram inseridos no roteiro devido a qualidade das refeições e atendimento, além de estarem muito próximos aos locais das demais atividades.

O hotel escolhido para o produto foi o Mabu Curitiba Business devido a sua ótima estrutura e por fornecer a melhor localização entre as outras opções analisadas. A partir deste hotel, parte das atividades podem ser realizadas a pé, diminuindo os custos de transporte e, consecutivamente, do preço final. Durante a pesquisa, foi buscado por meios de hospedagens na cidade comandados por empreendedores negros. No entanto, nenhum local foi localizado.

Apesar de Curitiba já contar com roteiros sobre a história negra da cidade, nenhum dos seus idealizadores possui formação em Guia de Turismo. Somado a isso, atualmente não existe nenhum guia de turismo em Curitiba que esteja apto a realizar o roteiro proposto, como também confirmado a partir da entrevista com o IMT.

²³ O Turistória é um site focado em divulgar a história de Curitiba. Acesso <<https://www.turistoria.com.br/nossahistoria>>

Todavia, o Instituto mostrou-se aberto a realizar cursos sobre o afroturismo para os guias da cidade, a fim de que eles estejam aptos a desenvolver a atividade de forma ética e com a abordagem correta. Por esse motivo, esse pacote de viagens só pode de fato acontecer se existir uma formação desses profissionais, priorizando guias negros sempre que possível pelas questões já abordadas neste trabalho, como o afroempreendedorismo.

Pensando em resolver a falta de guias de afroturismo em Curitiba, Larisse Oliveira, ex-aluna de turismo da UFPR, desenvolveu um curso de capacitação. O projeto da pesquisadora pode ser adaptado para o IMT, já que ele descreve custos, conteúdos e tempo de execução. No entanto, os valores referentes a esse investimento devem vir por parte da iniciativa pública como um incentivo ao desenvolvimento da atividade e, por isso, não foram adicionados a esse projeto. Todos os pontos e serviços incluídos serão detalhados no próximo tópico.

5.1.1.1 “Enegrecendo a ‘Capital Europeia’”: Apresentação do pacote de viagens

O pacote de viagens foi desenvolvido para ser realizado em um final de semana. Para não afetar as atividades programadas para esse período, a recepção dos turistas na cidade deve acontecer na sexta-feira, enquanto o retorno, na segunda. Antes de apresentar sua organização, os pontos e atividades escolhidas serão detalhados.

5.1.1.2 Caminhada negra por Curitiba

A Caminhada Negra por Curitiba será a primeira atividade do pacote e deverá acontecer logo no sábado pela manhã. O percurso irá passar por 13 pontos do centro da cidade ligados à história e memória da população negra curitibana. De acordo com o Google Maps, a distância total do percurso será de 2,8km e o tempo de realização a pé, sem contar as paradas, é de 35 minutos. Para que a caminhada seja realizada em um ritmo adequado aos participantes, levando em conta as explicações, fotos e paradas, foi estimado um tempo de 02h30 (duas horas e trinta minutos).

FIGURA 1 - TRAJETO DA CAMINHADA NEGRA



Fonte: O Autor (2023)

A Caminhada Negra irá se iniciar pelo ponto A, do lado direito do mapa, e se encerrar no ponto D, ao lado mais esquerdo da imagem. As letras acabaram se repetindo devido às limitações do My Maps.

Os locais selecionados para a caminhada serão brevemente abordados a seguir. Todavia, é importante dizer que durante o percurso as informações devem ser apresentadas e discutidas com mais profundidade pelo guia de turismo, que também deve estar preparado para fazer ligações históricas entre os pontos de parada. São eles:

5.1.1.3 Praça Santos Andrade

FIGURA 2 - PRAÇA SANTOS ANDRADE



Fonte: Blog Fotografando Curitiba (2015).

Por estar na frente do hotel escolhido para o pacote de viagens, a Praça Santos Andrade²⁴ será o primeiro ponto da caminhada. O local possui grande importância para a história de Curitiba, já que foi — e continua sendo — palco de diversas manifestações políticas e culturais da cidade. Quando se trata da história da população negra curitibana, a praça abriga o 1º campus da Universidade Federal do Paraná, que teve como um dos seus fundadores Pâmphilo d'Assumpção, advogado e importante afrocuritibano.

Pâmphilo não só foi responsável pela fundação do curso de Direito da UFPR, como também esteve à frente da criação da Associação Comercial do Paraná, do Centro de Letras do Paraná e da instalação da Ordem dos Advogados do Brasil no estado.

Além disso, a praça também abriga uma placa em homenagem à população negra da cidade, que foi instalada em 1988 pela Câmara Municipal de Curitiba em comemoração ao centenário da abolição da escravatura.

²⁴ Acesso às informações completas <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>> e <<http://iappr.org.br/site/1917-1932/>>

5.1.1.4 Água Pro Morro (Maria lata d'água)

FIGURA 3 - OBRA "ÁGUA PRO MORRO"



Fonte: Blog Fotografando Curitiba (2016).

A obra “Água Pro Morro”, também conhecida como “Maria lata d’água”, foi criada pelo artista plástico paranaense Erbo Stenzel²⁵ em homenagem a todas as pessoas negras do Brasil. A modelo da escultura foi a Emerenciana Cardoso Neves, conhecida artisticamente como Anita Cardoso Neves. Também artista plástica, a carioca se formou em Escultura na antiga Escola Nacional de Belas Artes em 1959, onde teve a oportunidade de conhecer o Erbo. Em Curitiba, a obra foi fundida em bronze pela prefeitura em 1995 e no ano seguinte foi alocada atrás das Arcadas do Pelourinho.

²⁵ Acesso às informações completas <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>> e <<https://www.brasildefatopr.com.br/2021/04/01/agua-pro-morro-a-historia-e-a-identidade-da-artista-brasileira-que-foi-apagada>>

5.1.1.5 Arcadas do Pelourinho

FIGURA 4 - ARCADAS DO PELOURINHO



Fonte: Blog Fotografando Curitiba (2016).

Erguidas em 1994, as Arcadas do Pelourinho estão hoje em um local onde muitos escravos que se rebelaram contra o regime escravocrata foram fortemente castigados em praça pública. Segundo o Linha Preta²⁶, o Pelourinho de Curitiba, que na época ainda era o povoado de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais, foi criado em 4 de novembro de 1668 no intuito de transformar o povoado em vila, já que esse era um dos requisitos da Coroa Portuguesa para a mudança. Atualmente, o local abriga lojas, floriculturas e outros comércios.

²⁶ Acesso às informações completas <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>

5.1.1.6 Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais

FIGURA 5 - CATEDRAL BASÍLICA MENOR DE NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS



Fonte: Blog Fotografando Curitiba (2016).

A Catedral Basílica Menor de Curitiba²⁷ foi construída entre 1876 e 1893 e contou com a participação de diversas pessoas negras em todas as etapas de sua execução. Como exemplo, os irmãos Rebouças, dois engenheiros negros muito importantes da cidade, foram responsáveis pelo aval técnico da construção. Enquanto isso, muitas pessoas escravizadas também estavam na linha de frente, sendo uns dos responsáveis pelo levantamento da Igreja.

No entanto, uma das marcas dessa história presente até os dias de hoje foi deixada por Vicente Moreira Freitas²⁸, um dos principais mestres de obras negro envolvidos na construção da basílica. Após a inauguração, uma placa de comemoração foi instalada na Igreja, mas ela não trouxe o nome de nenhum dos negros envolvidos no projeto.

Ao se deparar com isso, Vicente ficou enfurecido, pegou uma marreta e bateu contra a placa, eternizando sua presença. A marca pode ser visualizada na parte de baixo da chapa, do lado direito.

²⁷ Acesso às informações completas <<https://www.catedralcuritiba.com/institucional>>

²⁸ Acesso às informações completas <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>

Antes de seguir para o próximo ponto, os turistas ainda podem ser levados até às Gameleiras Sagradas, árvores consideradas muito importantes para o Candomblé e que se encontram na mesma praça onde fica a Catedral. O local conta com uma placa homenageando a população afrocuritibana.

5.1.1.7 Largo da Ordem

FIGURA 6 - LARGO DA ORDEM



Fonte: Blog Fotografando Curitiba (2016).

Conhecido também como Largo Coronel Enéas²⁹, o Largo da Ordem está presente no centro histórico de Curitiba e atualmente é um dos pontos mais movimentados da cidade. Grande parte dos prédios do local foram erguidos pelas mãos de negros escravizados e/ou livres durante o período colonial. Além disso, o largo possui diversos prédios, monumentos e pinturas importantes para a história da população negra curitibana, como o Bebedouro do Largo da Ordem e a Igreja do Rosário — que serão descritos mais tarde — e o painel pintado por Rimon Guimarães na parede da Casa Hoffman.

²⁹ Acesso às informações completas <<https://www.turistoria.com.br/a-historia-do-largo-da-ordem-de-curitiba>> e <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>

5.1.1.8 Bebedouro do Largo da Ordem

FIGURA 7 - BEBEDOURO DO LARGO DA ORDEM



Fonte: Blog Fotografando Curitiba (2017).

O Bebedouro do Largo da Ordem³⁰ foi construído em 1855 com o intuito de dar de beber aos cavalos dos tropeiros que iam à região fazer negócios. Além do largo contar com uma grande população negra vivendo ali na época, diversos tropeiros que chegavam ao local também eram negros e vinham principalmente de fazendas das cidades do entorno. Esse cenário foi ilustrado por Jean-Baptiste Debret, pintor francês que retratou muito do cotidiano da época a partir de suas aquarelas.

³⁰ Acesso às informações completas <<https://www.turistoria.com.br/bebedouro-do-largo-da-ordem>> e <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>

5.1.1.9 Museu de Arte Sacra

FIGURA 8 - MUSEU DE ARTE SACRA



Fonte: Blog Fotografando Curitiba (2016).

De frente para o bebedouro se encontra o Museu de Arte Sacra³¹. O local foi inaugurado em 1981 e conta com diversas obras relacionadas ao passado da cidade, como a escultura de São Francisco e a de São Benedito, ambas criadas pelo escultor Lafaete Rocha. Nascido na Lapa, o artista negro começou a se dedicar a arte muito cedo para ajudar nas economias de casa, produzindo principalmente santos em madeira.

Atualmente, suas obras são raras e difíceis de serem encontradas, mas um pouco de seu trabalho pode ser conferido neste museu. Além disso, o acervo também conta com pinturas, fotografias e objetos que inevitavelmente estão relacionados com a história da cidade e da população negra.

³¹ Acesso às informações completas <<https://www.turistoria.com.br/a-historia-do-largo-da-ordem-de-curitiba>> e <<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/espacos-culturais/museu-de-arte-sacra-r-masac/>>

5.1.1.10 Memorial de Curitiba

FIGURA 9 - MEMORIAL DE CURITIBA



Fonte: Blog Fotografando Curitiba (2016).

O Memorial de Curitiba³² foi construído em 1996 e abriga diversas atividades culturais desenvolvidas na cidade. Em seu interior, existem uma série de obras que retratam a história do Brasil, do Paraná e também de Curitiba. No entanto, um dos itens mais polêmicos do acervo é um painel criado pelo artista Sérgio Ferro, que além de trazer representações da história do município, traz os homens negros em uma posição de submissão aos brancos e mulheres negras com corpos hipersexualizados.

O memorial possui também outros elementos da negritude espalhados pelo prédio, mas como observou o Linha Preta³³ em seu site, é preciso ter um certo conhecimento prévio para conseguir identificar essa herança cultural — um trabalho que poderá ser realizado pelos guias de turismo.

³² Acesso às informações completas <<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/espacos-culturais/memorial-de-curitiba/>>

³³ Acesso às informações completas <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>

5.1.1.11 Igreja do Rosário

FIGURA 10 - IGREJA DO ROSÁRIO



Fonte: Blog Fotografando Curitiba (2016).

A Igreja do Rosário³⁴, conhecida também por Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, é um dos locais mais charmosos do Largo da Ordem e também um símbolo de luta e resistência para a população negra curitibana. No local, ficava anteriormente a antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos, que por serem proibidas de exercer sua fé nas igrejas visitadas pelos brancos, era frequentada apenas por pessoas negras

A antiga igreja foi construída em 1937 por homens negros livres e também escravizados, abrigando a matriz da cidade entre 1875 e 1893, quando a catedral passou a ser construída. Em 1931, a antiga igreja foi demolida e o prédio de hoje passou a ser levantado. Os azulejos azuis presentes na parede do local ainda são da antiga igreja e podem ser visualizados logo na entrada. Anualmente, acontece a Festa do Rosário e lavação das escadarias.

³⁴ Acesso às informações completas <https://www.turistoria.com.br/igreja_do_rosario> e <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>

5.1.1.12 Ruínas de São Francisco

FIGURA 11 - RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO



Fonte: Turistória (2022).

As Ruínas de São Francisco³⁵ demarcam o local onde deveria ter sido construída a Igreja de São Francisco de Paula, que chegou a ter a capela-mor e a sacristia construída, mas nunca finalizada devido ao uso de suas pedras na finalização da construção da torre da Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz. As ruínas são importantes para a história da população negra devido às técnicas de construção em taipa, um método muito difundido no continente africano e que também foi amplamente utilizado em construções de Curitiba durante o período colonial. Uma aquarela de Debret de 1827 mostra um homem negro trabalhando na construção das ruínas utilizando a técnica em taipa.

³⁵ Acesso às informações completas <<https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/ruinas-de-sao-francisco/2033>> e <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>

5.1.1.13 Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio

FIGURA 12 - SOCIEDADE OPERÁRIA BENEFICENTE 13 DE MAIO



Fonte: Blog Fotografando Curitiba (2017).

A Sociedade Beneficente 13 de Maio³⁶ foi fundada em 1888 sob o nome de Clube Beneficente Treze de Maio. Na frente de sua criação estava a Irmandade dos Homens Pretos de São Benedito e negros recém-libertos. O clube está localizado no São Francisco e foi um local de auxílio à população negra, oferecendo apoio financeiro, assistência médica, realizando festas religiosas e também encaminhando seus membros para vagas de empregos que surgiam.

O clube foi muito importante para diversas pessoas, que após serem libertas do sistema escravocrata, buscavam meios de construir um futuro. Após os anos 1930, o local passou por uma reestruturação, desenvolvendo bailes dominicais e começando a aceitar todas as pessoas da sociedade. Em 1996 o local perdeu parte de suas características devido a uma reforma realizada pela prefeitura, passando a ser chamado de Sociedade Beneficente 13 de Maio. Atualmente, o espaço realiza diversos eventos semanais, que vão desde bailes, até tardes de sambas e apresentações.

³⁶ Acesso às informações completas <<<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>> e <<https://afrosul.com.br/sociedadetrezemaio/>>

5.1.1.14 Rua Voluntários da Pátria

FIGURA 13 - RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA



Fonte: Prefeitura de Curitiba (2020).

A Rua Voluntários da Pátria³⁷ é uma homenagem a todas as pessoas que lutaram pelo país durante a Guerra do Paraguai. Devido a pouca quantidade de soldados no exército, Dom Pedro II prometeu uma série de benefícios para quem se candidatasse a ir à guerra, como terras e liberdade para os escravizados.

No entanto, com o passar do tempo o estado criou formas de forçar a população negra a ir para ao conflito, como fazer os donos dos escravizados decidir entre enviar eles ou seus próprios filhos para o combate. Após a guerra, muitos dos que voltaram não tiveram a assistência prometida pelo estado e muito menos passaram a ser reconhecidos como heróis.

A Rua também faz esquina com a Emiliano Pernetta, nome do importante poeta paranaense de ascendência africana e um dos precursores do simbolismo no Brasil.

³⁷ Acesso às informações completas <<<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>> e <<https://dostracos.wordpress.com/>>

5.1.1.15 Praça Zacarias

FIGURA 14 - PRAÇA ZACARIAS



Fonte: Blog Fotografando Curitiba (2016).

A Praça Zacarias³⁸ é considerada um dos locais mais importantes da história de Curitiba, pois ela foi o primeiro ponto de distribuição de água potável da cidade. Toda a parte do encanamento e do chafariz foram projetadas e executadas pelo engenheiro negro Antônio Rebouças, que junto de seu irmão André Rebouças, foram responsáveis por grandes obras do município.

A construção melhorou a qualidade de vida dos moradores até 1910, época em que a urbanização estava mais avançada e permitiu o encanamento da água direto nas residências. O nome da praça é uma homenagem ao Conselheiro Zacarias de Goes e Vasconcelos, político brasileiro responsável pela presidência das províncias do Piauí, Sergipe e Paraná.

³⁸ Acesso às informações <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>

5.1.1.16 Espaço da Zé 2

Comandado por Zezé, mulher negra e baiana, o Espaço da Zé³⁹ fez tanto sucesso em Curitiba que ela já está em sua segunda casa. Apesar de também ter pratos comuns presentes em diversas regiões do Brasil, a cozinha do local se destaca pela culinária baiana e pelos pratos cheios de referências africanas. O espaço 2 foi escolhido para entrar no pacote devido a sua estrutura maior, que consegue comportar todos os turistas com conforto. Além disso, a decoração do restaurante é alegre e cheia de cores vibrantes. Ele está localizado na Rua Paula Gomes, 296, bairro São Francisco. Os custos do almoço no local não estão incluídos no valor do pacote e os turistas devem arcar com os valores referentes à sua alimentação.

5.1.1.17 Museu Paranaense

O Museu Paranaense foi inaugurado em 25 de setembro de 1876 e se tornou o primeiro museu do Paraná. Sua história passou por diversos momentos de tensão antes dele receber sua devida importância, mas para este pacote, o foco será no período de desenvolvimento do paranismo, que como observado no marco teórico do trabalho, construiu a ideia de uma sociedade paranaense branca e sem a presença de pessoas negras.

De acordo com o site do Linha Preta⁴⁰, o museu foi um dos principais instrumentos utilizados na época para a promoção dessa ideia para todo o país, omitindo a história e cultura negra do estado. No entanto, com o passar do tempo e as mudanças da visão sociopolítica e também da ciência de seus diretores, o museu tem desenvolvido ações para resgatar essa história reprimida, como a criação de um espaço destinado a apresentar e afirmar a história negra em Curitiba e no estado, além de percursos dentro do local com foco nessa população.

³⁹ Acesso ao Instagram do local <https://www.instagram.com/espacodaze_oficial/>

⁴⁰ Acesso às informações completas <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>

5.1.1.18 Um Baile Bom

Segundo seu próprio site, o Um Baile Bom⁴¹ é “um movimento-festa-ato político de mobilização da comunidade negra de Curitiba e Região Metropolitana”. Inspirado nos bailes blacks das décadas de 70 e 80, o evento já atraiu um público estimado de mais de 6.000 pessoas ao longo do tempo e também foi palco de DJs de São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Atualmente, o baile é conhecido nacionalmente e se tornou um exemplo de eventos focados na população negra para o país.

As edições do Um Baile Bom são realizadas na Sociedade Beneficente 13 de maio e acontecem com frequências espalhadas, onde muitas delas são no sábado, a partir das 20h30.

5.1.1.19 Cemitério São Francisco de Paula

O Cemitério São Francisco de Paula está localizado na região central e ali se encontram enterrados diversos homens e mulheres negros importantes para o passado da cidade. A inclusão dessa atividade no pacote se mostrou importante pelo cemitério ser um lugar de memória e também por permitir que a história se mantenha viva.

Entre as paradas que devem estar aqui presentes é o local onde está enterrada Maria da Conceição Bueno, uma mulher negra que foi degolada pelo militar Ignácio José Diniz na atual rua Vicente Machado em 1893. De acordo com Santos et al (2019), existem muitos pontos de interrogações sobre a vida e motivações da morte de Maria, mas desde que ela aconteceu — e também em relação aos eventos que se desenrolaram posteriormente, como a recusa da igreja de realizar os tradicionais ritos de passagem — ela foi santificada por quem estava em seu entorno, gerando diversas homenagens de seus devotos.

O cemitério também conta com um jazigo da Sociedade Beneficente 13 de Maio, que o adquiriu na tentativa de oferecer um local de descanso adequado aos seus associados (SANTOS Et al, 2019). Um dos que ali estão enterrados no túmulo é Isidoro Mendes dos Santos, sócio-fundador da 13. O trajeto ainda deve passar por

⁴¹ Acesso ao Instagram do evento <<https://www.instagram.com/umbailebom/>>

túmulos de pessoas como a engenheira Enedina Alves Marques, além de ter a história de sua construção discutida, uma vez que os muros do local também contaram com a mão de obra escrava⁴².

5.1.1.20 Merci Afrik + Bloco Afro Pretinhosidade

Devido às poucas atividades de lazer de afroturismo presentes em Curitiba, essa atividade foi pensada a fim de juntar e beneficiar um restaurante e um bloco de carnaval. O primeiro deles é o Merci Afrik⁴³, um restaurante focado em comida africana que funciona apenas via delivery ou retirada, mas que já tem experiência na atuação em eventos focados na população negra, como o Jantar de Afroempreendedores⁴⁴ realizado em 2021 na cidade. Em seu cardápio estão pratos como o Mipanzi e o Fumbwa, ambos de origem congoleza.

A outra parceria será com o bloco Afro Pretinhosidade⁴⁵, um bloco exclusivo para pessoas negras que desde 2013 atua para resgatar a história afro-brasileira e a ancestralidade. O bloco se tornou um dos mais tradicionais bloquinhos de carnaval de rua da cidade e frequentemente toca em outros eventos, como na Marcha do Orgulho Crespo.

A junção dos dois surge na tentativa de criar uma tarde de domingo agradável para todos os participantes do pacote, que poderão desfrutar de uma boa comida e em seguida curtir uma atividade musical preparada especialmente para eles, contando com apresentações do bloco e oficinas de como manusear e tocar os instrumentos utilizados pelo grupo. O programa irá acontecer na sede do Bloco Afro Pretinhosidade, localizada no bairro Rebouças.

5.1.2 Visão geral do pacote

As atividades do pacote foram distribuídas entre sábado e domingo de acordo com o tempo de execução e horário de funcionamento de cada local.

⁴² Acesso às informações completas <<https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/cemiterio-sao-francisco-municipal-conta-historia-de-curitiba/>>

⁴³ Acesso ao Instagram do restaurante <https://www.instagram.com/merci_afrik/>

⁴⁴ Acesso a divulgação do evento <<https://www.instagram.com/p/CXJJE3vIvZz/>>

⁴⁵ Acesso ao Instagram do bloco <<https://www.instagram.com/blocoafropretinhosidade/>>

QUADRO 5 - PROGRAMAÇÃO DE SEXTA-FEIRA

Horário	Atividade
A depender da chegada dos voos ⁴⁶ .	Recepção dos turistas, transfer para o hotel e entrega do kit de boas-vindas.

Fonte: O Autor (2023)

QUADRO 6 - PROGRAMAÇÃO DE SÁBADO

Horário	Atividade
09:00	Saída do hotel
09:10	Caminhada Negra
11:40	Transfer para o almoço
12:00	Almoço no Espaço da Zé 2
14:00	Visita ao Museu Paranaense
15:30	Retorno ao hotel e restante da tarde livre
20:30	Saída em direção ao Um Baile Bom
01:00	Retorno ao hotel

Fonte: O Autor (2023)

⁴⁶ O horário de chegada e programação do transfer será definido junto com os contratantes. No entanto, a prioridade é que sejam a partir das 14:00 para que os turistas possam fazer o check-in no hotel sem preocupações.

QUADRO 7 - PROGRAMAÇÃO DE DOMINGO

Horário	Atividade
10:40	Saída do hotel
11:00	Caminhada pelo Cemitério Municipal de Curitiba
12:15	Transfer para o almoço
12:30	Tarde com o bloco Afro Pretinhosidade + almoço com o Merci Afrik
16:30	Retorno ao hotel + noite livre

Fonte: O Autor (2023)

QUADRO 8 - PROGRAMAÇÃO DE SEGUNDA-FEIRA

Horário	Atividade
11:00	Check-out e transfer para o aeroporto.

Fonte: O Autor (2023)

Durante o planejamento das atividades foi deixado um tempo livre para que os turistas possam escolher descansar ou mesmo visitar algum outro ponto de interesse. Entre os locais que podem ser indicados estão a Praça 19 de Dezembro e o Memorial Africano.

Também foi criado um folder de divulgação do pacote para que as agências de viagens possam enviar aos seus clientes por e-mail.

FIGURA 15 - FOLDER DE DIVULGAÇÃO DO PACOTE



Fonte: O Autor (2023)

5.2 ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

5.2.1 Descrição das etapas para execução do projeto

Para que o projeto seja realizado na íntegra e apresente os efeitos desejados, foram identificadas 7 etapas fundamentais: 1) Formatação e Desenvolvimento do Curso de Afroturismo para Guias; 2) Contato com os Contratantes; 3) Contato com Fornecedores; 4) Fechamento de Contratos; 5) Contato frequente com contratantes e prestadores; 6) Execução do Pacote; e 7) Pós-venda. As etapas apresentadas estão descritas em maiores detalhes no Quadro 9.

QUADRO 9 - ETAPAS DE EXECUÇÃO DO PROJETO

ETAPA	ATIVIDADES	PERÍODO
1 - Formatação e Desenvolvimento do Curso de Afroturismo para Guias	<ul style="list-style-type: none"> • Contato com a Escola de Turismo do IMT; • Auxílio no desenvolvimento do curso junto com a equipe de profissionais; • Aplicação do curso aos Guias de Turismo pelo IMT. 	1º ao 4º mês
2 - Contato com os Contratantes	<ul style="list-style-type: none"> • Contato com agências/projetos para apresentação do pacote; • Entender as agendas dos contratantes e melhores épocas para o pacote em caso de interesse; 	1º ao 2º mês
3 - Contato com Fornecedores	<ul style="list-style-type: none"> • Contato com fornecedores para apresentação do pacote; • Estipular uma data em comum para realização; • Definição dos valores dos serviços prestados. 	Simultâneo a etapa acima
4 - Fechamento de Contratos	<ul style="list-style-type: none"> • Definição da data do pacote de viagem; • Fechamento de contratos com contratantes e fornecedores dos serviços. 	3º mês
5 - Contato frequente com Contratantes e Prestadores	<ul style="list-style-type: none"> • Contato frequente com contratantes e prestadores para alinhamento de questões, dificuldades ou impedimentos. 	Longo prazo

6 - Execução do Pacote	<ul style="list-style-type: none"> Realização do pacote de viagens “Enegrecendo a ‘Capital Europeia’” 	8º mês
7 - Pós-venda	<ul style="list-style-type: none"> Analisar o feedback de turistas e agências de viagens para melhoria contínua dos serviços. 	Longo prazo

Fonte: O Autor (2023)

Na etapa 1, Formatação e Desenvolvimento do Curso de Afroturismo para Guias, o turismólogo irá oferecer suporte a Escola de Turismo para o desenvolvimento do curso aos guias. O auxílio será prestado principalmente na elaboração dos conteúdos e na sugestão de um convite à ex-aluna do curso Larisse Oliveira para apoio, assim como também a outras pessoas envolvidas em roteiros focados na população negra da cidade. Juntamente, poderão ser feitas parcerias com departamentos da Universidade Federal do Paraná (UFPR) para envolvimento de alunos de projetos de extensão, como o Afrocuritiba, e garantir uma redução ou isenção do valor do curso para guias ou para o IMT. No entanto, a maior parte das articulações deverá ser feita pelo próprio instituto, uma vez que o foco deste projeto está no pacote de viagens apresentado.

Na 2ª etapa, Contato com os Contratantes, será enviado e-mails aos possíveis contratantes do pacote apresentando o produto e realizando um convite para reuniões online. Durante esses encontros, serão discutidos a agenda das agências/projetos para compreender a melhor data para a venda do pacote, assim como definições de comissões sugeridas e outros aspectos.

Em seguida, na 3ª etapa, Contato com Fornecedores, o foco será realizar parcerias com possíveis fornecedores dos serviços, como transfers, acomodação, guias de turismo, eventos, restaurantes, entre outros. Durante o contato, o pacote de turismo será apresentado e serão discutidos os preços para a realização de cada um dos serviços, bem como a disponibilidade destes. Nessa etapa, também será apresentado uma possível data para o pacote com base nas informações fornecidas pelos contratantes.

A 4ª etapa do projeto, Fechamento de Contratos, consiste em firmar os acordos discutidos durante as reuniões e fazer a emissão dos contratos a fim de

assegurar todos os envolvidos em suas responsabilidades. Esses contratos serão redigidos com o auxílio de um advogado da plataforma Lexly⁴⁷ e devem ter suas assinaturas firmadas em cartórios por todas as partes.

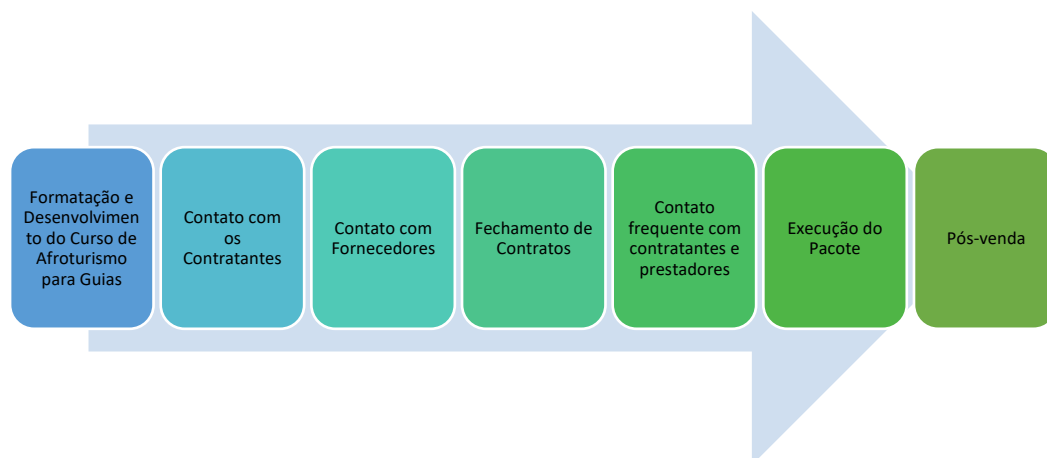
Uma vez que os contratos estejam assinados, chegou o momento de manter o contato frequente com contratantes e prestadores, a 5ª etapa. Essa fase é necessária para que as expectativas sejam atendidas, por isso, o contato direto irá permitir o alinhamento de questões, dificuldades e impedimentos.

A 6ª e penúltima etapa do projeto, Execução do Pacote, é marcada pela realização do pacote de afroturismo em Curitiba. Ela envolve a recepção dos turistas na cidade, o acompanhamento do turismólogo em todas as atividades programadas, a resolução de possíveis problemas que possam afetar a experiência e qualquer outra obrigação que o profissional tenha se proposto no contrato assinado.

Por fim, na última etapa, o Pós-venda, será recebido o feedback dos turistas e dos contratantes para identificar pontos de melhorias nos serviços prestados, bem como compreender os acertos na execução do projeto. Também é primordial conversar com os fornecedores para verificar como foi sua experiência, podendo essa, inclusive, ser uma maneira de melhorar a confiança entre as partes para firmar uma parceria de longo prazo.

Para ainda melhor visualização das etapas, também foi criado uma figura com todos os momentos da execução.

FIGURA 16 - ETAPAS PARA A EXECUÇÃO DO PROJETO



Fonte: O Autor (2023)

⁴⁷ Acesso ao site da plataforma <<https://lexly.com.br/>>

5.2.2 Descrição dos recursos humanos envolvidos

Este pacote de viagens foi pensado para ser inteiramente planejado e comercializado à projetos/agências de afroturismo pelo turismólogo responsável por sua criação. As atribuições do profissional envolvem: fechamentos de acordos com fornecedores/empresas; substituir atividades programadas por outras com o mesmo nível de experiência quando preciso; divulgar e comercializar o pacote à projetos/agências de afroturismo; estar em contato direto com o IMT para a realização do curso de afroturismo para guias de viagens; continuar se aprofundando na pesquisa de eventos, locais e história da população negra para constantemente apresentar melhorias a este produto, elevando ainda a experiência dos turistas; expandir a presença de outros empreendedores negros no pacote; e acompanhar o grupo de viajantes junto com os contratantes do serviço.

Aos projetos/agências de afroturismo cabe divulgar o pacote de viagem para Curitiba em seus canais de comunicação tradicionais; definir os deslocamentos dos turistas junto com eles, assim como seus respectivos pagamentos; comunicar o turismólogo responsável pelo pacote sobre qualquer alteração necessária, como também os horários de chegada e volta do grupo para programação dos transfers; manter um bom relacionamento com todos os envolvidos na execução do pacote; e realizar os pagamentos nas datas estipuladas no contrato.

Nesse cenário, o turismólogo responsável se apresenta como um intermediário entre projetos/agências e fornecedores, facilitando o processo operacional desses negócios, já que eles não estão presentes em Curitiba. Isso também contribui para que possam se preocupar apenas com a venda do pacote de viagens para seus clientes e com um atendimento personalizado.

A assessoria do turismólogo será contratada no modelo MEI, onde o profissional, inscrito na atividade 7990-02/00 - Serviços de reservas e outros serviços de turismo não especificados anteriormente da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), irá emitir notas fiscais dos serviços prestados. Os pagamentos recebidos e também realizados aos prestadores devem ser feitos a partir da conta MEI do Banco Inter, cujos dados serão enviados para os contratantes junto com o contrato. A plataforma foi escolhida devido a isenção de taxas de uso e manutenção.

5.3 DESCRIÇÃO DO ORÇAMENTO, SUGESTÃO DE PREÇO DE VENDA E RETORNO DO INVESTIMENTO

Para que o pacote de viagens proposto possa ser lucrativo e também apresente um valor interessante para o consumidor final, ele deverá ser realizado por um grupo mínimo de 15 pessoas e um máximo de 20, devido às limitações de espaço dos transfers e locais de visitação. Também foi considerado que uma pessoa da agência/projeto, assim como o turismólogo idealizador do pacote, irão acompanhar o grupo de viajantes e esses custos também estão adicionados ao produto — com exceção da hospedagem do turismólogo, que mora na cidade.

Os valores que serão descritos a seguir foram cotados para os dias 10, 11, 12 e 13 de novembro de 2023, época em que o pacote poderia ser realizado de acordo com o cronograma apresentado. Os custos também são referentes a cada vez que o pacote for executado, independentemente da quantidade de finais de semana estabelecidos com os contratantes/fornecedores no ano. No quadro 10 foi apresentado os valores totais do pacote para os contratantes, projetando que as 20 vagas foram preenchidas.

QUADRO 10 - CUSTOS DO SERVIÇO PARA CONTRATANTES EM UM CENÁRIO DE VAGAS ESGOTADAS

Serviço	Descrição	Preço	Quantidade	Total
Hospedagem ⁴⁸	Hospedagem no Mabu Curitiba Business em apartamento duplo.	R\$ 784,00	11 quartos	R\$ 8.624,00
Transfer ⁴⁹	Transfer entre aeroporto e hotel. Valor cotado para um grupo de 21 pessoas.	R\$ 300,00	2 trechos (ida e volta)	R\$ 600,00
Guia de Turismo ⁵⁰	Diária de 8 horas de um guia de turismo	R\$ 350,00	2	R\$ 700,00

⁴⁸ Hospedagem cotada no Booking.com

⁴⁹ Transfer cotado com a empresa SergioTur. Acesso ao site <<https://locacoesdevanscuritiba.com.br/>>

⁵⁰ Média de valores fornecidos pelo Instituto Municipal de Turismo.

Kit de boas-vindas ⁵¹	Kit contendo 1 colar afro da Preta Fina Acessórios, 1 cartão de boas-vindas e 1 cartilha com dicas e informações da cidade	R\$ 60,00	21	R\$ 1.260,00
Um Baile Bom ⁵²	Entrada do Um Baile Bom	R\$ 40,00	22	R\$ 880,00
Deslocamentos ⁵³	Van com motorista e espaço para 23 pessoas.	R\$ 100,00/hora	20	R\$ 2000,00
Almoço Merci Afrik ⁵⁴	Almoço considerando comida (buffet), bebidas não alcoólicas e sobremesa.	R\$ 80	40	R\$ 3.200,00
Bloco Afro Pretinhosidade ⁵⁵	Utilização do espaço do bloco e atividade musical	R\$ 60	21	R\$ 1.260,00
Seguro Viagem ⁵⁶	Seguro viagem de 4 dias (ida e volta)	R\$ 14,91	21	R\$ 313,11
Turismólogo	Desenvolvimento do pacote, assessoria e acompanhamento do grupo.	R\$ 3000,00	1	R\$ 3.000,00
CUSTO TOTAL PARA O CONTRATANTE				R\$ 21.837,11

Fonte: O Autor (2023)

Levando em consideração esse cenário da tabela, o custo total de R\$ 21.837,11 dividido pelas 20 pessoas do grupo ficaria em R\$ 1.091,85 por pessoa, sem levar em consideração os custos de deslocamentos para a cidade e taxas de comissão das agências/projetos. A porcentagem de comissionamento sugerida será de 20%,

⁵¹ O kit de boas-vindas será desenvolvido pela afroempreendedora Preta Fina Acessórios. Acesso ao instagram <<https://www.instagram.com/pretafinaacessorios/>>

⁵² Preço dos eventos realizados pelo baile.

⁵³ Valores cotado com a empresa SergioTur. Acesso ao site <<https://locacoesdevanscuritiba.com.br/>>

⁵⁴ Preço cotado diretamente com o restaurante. Foi levado em consideração que todas as pessoas presentes no local, como os integrantes do bloco, também irão almoçar.

⁵⁵ Valor sugerido pelo turismólogo com base em outros eventos promovidos pelo bloco.

⁵⁶ Seguro cotado pelo site Seguros Promo. Acesso <<https://www.segurospromo.com.br/>>

mas o valor poderá ser discutido com os contratantes. Nesse caso, o preço da comissão será de R\$218,37 por pacote vendido, fazendo o produto chegar a um preço final de R\$ 1.310,22.

Além disso, os ganhos brutos do turismólogo serão de R\$ 3.000,00 por cada vez que o pacote for comercializado aos contratantes e o valor bruto final que as agências receberão será de R\$ 4.367,40. Ainda vale a pena afirmar que elas também terão ganhos com a venda de aéreos, reservas de carros ou compras de passagens rodoviárias dos seus clientes.

Em um cenário de ocupação mínima das vagas, que será de 15 pessoas, os valores ficarão da seguinte maneira:

QUADRO 11 - CUSTOS DO SERVIÇO PARA CONTRATANTES EM UM CENÁRIO DE VAGAS ESGOTADAS

Serviço	Descrição	Preço	Quantidade	Total
Hospedagem ⁵⁷	Hospedagem no Mabu Curitiba Business em apartamento duplo.	R\$ 784,00	8 quartos	R\$ 6.272,00
Transfer ⁵⁸	Transfer entre aeroporto e hotel. Valor cotado para um grupo de 15 pessoas.	R\$ 300,00	2 trechos (ida e volta)	R\$ 600,00
Guia de Turismo ⁵⁹	Diária de 8 horas de um guia de turismo	R\$ 350,00	2	R\$ 700,00
Kit de boas-vindas ⁶⁰	Kit contendo 1 colar afro da Preta Fina Acessórios, 1 cartão de boas-vindas e 1 cartilha com dicas e informações da cidade	R\$ 60,00	16	R\$ 960,00
Um Baile Bom ⁶¹	Entrada do Um Baile Bom	R\$ 40,00	17	R\$ 680,00

⁵⁷ Hospedagem cotada no Booking.com

⁵⁸ Transfer cotado com a empresa SergioTur. Acesso ao site <<https://locacoesdevanscuritiba.com.br/>>

⁵⁹ Média de valores fornecidos pelo Instituto Municipal de Turismo.

⁶⁰ O kit de boas-vindas será desenvolvido pela afroempreendedora Preta Fina Acessórios. Acesso ao instagram <<https://www.instagram.com/pretafinaacessorios/>>

⁶¹ Preço dos eventos realizados pelo baile.

Deslocamentos ⁶²	Van com motorista e espaço para 23 pessoas.	R\$ 100,00/hora	20	R\$ 2000,00
Almoço Merci Afrik ⁶³	Almoço considerando comida (buffet), bebidas não alcoólicas e sobremesa.	R\$ 80	35	R\$ 2.800,00
Bloco Afro Pretinhosidade ⁶⁴	Utilização do espaço do bloco e atividade musical	R\$ 60	16	R\$ 960,00
Seguro Viagem ⁶⁵	Seguro viagem de 4 dias (ida e volta)	R\$ 14,91	16	R\$ 238,56
Turismólogo	Desenvolvimento do pacote, assessoria e acompanhamento do grupo.	R\$ 3000,00	1	R\$ 3.000,00
CUSTO TOTAL PARA O CONTRATANTE				R\$ 18.210,56

Fonte: O Autor (2023)

Nesse novo cenário, o custo de R\$ 18.210,56 dividido pelas 15 pessoas do grupo ficaria em R\$ 1.214,04. Considerando o comissionamento das agências/projetos de 20%, que fica no valor de R\$ 242,80 por pacote vendido, o preço ao consumidor final será de R\$ 1.457,02. Dessa forma, os lucros brutos do turismólogo serão de R\$ 3.000,00, enquanto os do contratante R\$ 3.642,00.

Devido aos riscos do não preenchimento de todas as vagas, o preço sugerido de venda levará em conta a quantidade mínima de pessoas para a operação do pacote. Sendo assim, os contratantes poderão vendê-lo a partir de R\$ 1396,84. Caso os 20 lugares sejam comercializados, o valor excedente de R\$ 1.164,00 também poderá entrar como lucro para as agências/projetos.

Os contratos firmados com todas as partes envolvidas (contratantes e fornecedores) irão exigir o pagamento de 30% do total no momento do contrato, 50%

⁶² Valores cotado com a empresa SergioTur. Acesso ao site <<https://locacoesdevanscuritiba.com.br/>>

⁶³ Preço cotado diretamente com o restaurante. Foi levado em consideração que todas as pessoas presentes no local, como os integrantes do bloco, também irão almoçar.

⁶⁴ Valor sugerido pelo turismólogo com base em outros eventos promovidos pelo bloco.

⁶⁵ Seguro cotado pelo site Seguros Promo. Acesso <<https://www.seguros promo.com.br/>>

até um mês antes da viagem e os 20% finais até 2 dias após os serviços prestados. Ao receber e efetuar os pagamentos dessa maneira não será preciso dispor de um investimento inicial, uma vez que os repasses seguirão sempre o esquema: fornecedores > turismólogo > prestadores de serviços.

Também foi realizado estimativas dos lucros anuais do turismólogo com o projeto em dois cenários diferentes: o da venda do serviço 2 vezes por mês e também o da venda de apenas 1.

QUADRO 12 - CENÁRIO DE GANHO ANUAL 1

Produto	Preço	Vendas por mês	Total anual (bruto)
Pacote de Viagens completo para o contratante	R\$ 3.000,00	2	R\$ 72.000,00

Fonte: O Autor (2023)

Sobre o valor de R\$ 72.000,00 é preciso considerar as taxas gastas anualmente com o MEI, que em 2023 está em R\$ 70,10 por mês e R\$ 841,20 por ano. Dessa forma, o lucro líquido anual será de R\$ 71.158,80.

QUADRO 13 - CENÁRIO DE GANHO ANUAL 2

Produto	Preço	Vendas por mês	Total anual (bruto)
Pacote de Viagens completo para o contratante	R\$ 3.000,00	1	R\$ 36.000,00

Fonte: O Autor (2023)

No cenário onde apenas 1 pacote de viagem é vendido por mês, o lucro líquido anual fica em R\$ 35.158,80. Não foram realizados cálculos para outros cenários, como a venda de mais de 2 pacotes por mês, meses com diferentes números de vendas ou mesmo de épocas com nenhum pacote vendido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Projeto de Planejamento e Gestão em Turismo se iniciou a partir do seguinte questionamento: como uma cidade que construiu sua imagem sobre influências europeias pode trabalhar o Afroturismo? Para responder esse problema, foram definidos três objetivos específicos. O primeiro deles foi: “compreender quais são os aspectos principais do afroturismo e como ele pode ser trabalhado de forma ética”. A partir da bibliografia levantada e das entrevistas realizadas, entendemos que o afroturismo, apesar de não ter uma definição oficial ainda, pode ser entendido como a produção e o consumo da atividade turística pela população negra, que além de resgatar elementos históricos e culturais, promove a afirmação de sua identidade, o desenvolvimento econômico-social, o combate ao racismo estrutural e a promoção de sociedades mais igualitárias. Esse segmento turístico deve possuir agentes negros à sua frente, tanto devido às questões sociais e identitárias que ele aborda, como também à sua ligação com o afroempreendedorismo. Também foi possível entender que o segmento está em expansão no Brasil e que suas principais iniciativas são autônomas devido ao baixo envolvimento do setor público.

O segundo objetivo específico da pesquisa foi: “descobrir qual a visão do setor público, projetos de afroturismo e organizações negras em relação ao desenvolvimento do segmento em Curitiba”. Apesar dos três grupos terem uma visão positiva do afroturismo na cidade, os benefícios que ela pode trazer para os afrocuritibanos foi visualizado com maior intensidade pelos projetos de afroturismo e pelo Um Baile Bom. Durante a pesquisa, um dos locais que também se desejou entrevistar foi o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFPR (NEAB-UFPR). No entanto, uma das professoras integrantes do núcleo se recusou veementemente a realizar a entrevista, afirmando que ela não possuía tempo para a atividade. Apesar das inúmeras reflexões que poderiam caber aqui, mas que não serão feitas devido ao próprio intuito deste trabalho, esse infortúnio não afetou a pesquisa e o seu segundo objetivo também foi alcançado.

Por fim, o último objetivo específico do trabalho foi: “elaborar um produto de afroturismo completo para Curitiba, considerando roteiro, alimentação, hospedagem e todos os aspectos visualizados nos pacotes de viagens das agências tradicionais”. Esse objetivo foi atingido no capítulo 5 deste trabalho, onde foi proposto um final de semana afrocentrado para Curitiba. No entanto, apesar de ter sido levado em

consideração o afroempreendedorismo para o orçamento dos serviços do pacote, não foram encontrados profissionais negros que estivessem a frente de alguns serviços turísticos, como meios de hospedagens, transfers e guias. No pacote, também não foram considerados projetos como o AfroCuritiba, devido a própria coordenadora Joseli Mendonça concordar que o afroturismo deve ser desenvolvido por pessoas negras e muito menos considerar que a proposta do percurso possui um viés turístico, e nem o Linha Preta, devido à dificuldade de contato com o Centro Cultural Humaita, que não retornou às mensagens enviadas.

Dessa maneira, podemos concluir que essa pesquisa também atingiu seu objetivo geral de identificar como o afroturismo pode ser desenvolvido em Curitiba. Além de exigir profissionais negros em seu desenvolvimento, é preciso apoio do poder público, envolvimento de afroempreendedores e uma variedade de atividades que incluam espaços de memória, atividades culturais atuais e serviços turísticos aptos para atender turistas e/ou moradores que desejam realizar o pacote.

No entanto, esse trabalho não procurou “esgotar” as discussões sobre o afroturismo em Curitiba. Para além do pacote que foi proposto, a cidade possui um grande potencial de desenvolver ações sobre o segmento. Eventos que já acontecem no município anualmente, como a Marcha do Orgulho Crespo, podem ter sua divulgação ampliada a nível nacional para trazer ainda mais participantes. O setor público também pode realizar incentivos a eventos culturais, como o *Afropunk*⁶⁶, em Salvador (BA), e o *Bekoo das Pretas*⁶⁷, em Vitória (ES), festivais de música focados na população negra que tem feito um grande sucesso no país. Para pesquisas futuras, pode ser interessante investigar políticas públicas de fomento ao afroturismo e o seu desenvolvimento em órgãos governamentais.

⁶⁶ Acesso ao site do festival <<https://afropunk.com/pt-br/festival/bahia/>>

⁶⁷ Acesso ao Instagram do evento <<https://www.instagram.com/bekoodaspretas/>>

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALTHEMAN, Francine. **Black Power**: processos comunicativos e estéticos do corpo negro em torno do movimento secundarista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Belo Horizonte, MG.

AFROTRIP. **About Us**. 2022. Disponível em: <<https://www.afrotrip.com.br/aboutus>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ANDRADE, Cyntia; MARIOTTI, Valeria. Os sabores da Cidade Velha: a Rota do Açúcar e seu legado gastronômico como fomento ao turismo de raízes em Cabo Verde. **TURYDES: Revista sobre Turismo y Desarrollo local sostenible**, v. 12, n. 26, p. 19, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BLACK, Diáspora. **Sobre**. 2022. Disponível em: <<https://hospedagem.diaspora.black/sobre/>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BRAFRIKA. **Nossa Empresa**. Disponível em: <https://brafrika.com.br/pages/nossa-empresa>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BATISTELLA, Alessandro. O Paranismo e a invenção da identidade paranaense. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 6, n. 11, 2012.

CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. **Paranismo**: arte, ideologia e relações sociais no Paraná (1853-1953). Tese. Curitiba: UFPR, 2007

CURITIBA, Linha Preta. **Linha Preta**. Disponível em: <https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta/a-linha-preta>. Acesso em: 10 ago. 2022.

DA COSTA, Ricardo Dias. Relações étnico-raciais e questões do mercado de trabalho em turismo. **Marketing & Tourism Review**, v. 2, n. 1, 2017.

DA SILVA, Irley David Fabricio; DE PAIVA, Cláudio Cardoso. Ciberativismo e democracia nas redes sociais. Um espaço de reivindicações e direitos. In: **XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. 2013.

DA SILVA FLORES, Luiz Carlos; DE SENA CAVALCANTE, Leila; RAYE, Roberta Leal. Marketing turístico: Estudo sobre o uso da tecnologia da informação e comunicação nas agências de viagens e turismo de Balneário Camboriú (SC, Brasil). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 6, n. 3, p. 322-339, 2012.

DENCKER, A. F. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura. 1998.

DE CARVALHO, Tatiane Valéria Rogério. **O discurso fundador da construção da identidade curitibana e a invisibilidade sobre o negro**. Revista Interfaces, v. 8, n. 1, p. 7-17, 2017.

DE ALCÂNTARA, Livia Moreira. **Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões**. Aurora., v. 8, n. 23, p. 73-97, 2015.

DE FARIAS, João Paulo Bloch; PIMENTEL, Juliana Maria Vaz; SANTOS, Letícia Cassiano. Turismo étnico-afro: uma possível alternativa para empreendedorismo e empoderamento negro no Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 21, n. 2, p. 51-65, 2021.

DE OLIVEIRA, Natália Araújo. Afroempreendedorismo no turismo, desigualdade racial e fortalecimento da identidade negra. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 9, n. 1, p. 42-63, 2021.

DE OLIVEIRA, Natália Araújo. Turismo diaspórico, teste de DNA e cozinhas: experiência gastronômica de consumidores de uma agência de turismo afrocentrada. **Ágora**, v. 23, n. 1, p. 99-114, 2021.

DE OLIVEIRA, Natália Araújo. Precisamos falar sobre racismo no turismo. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 11, n. 2, p. 267-280, 2021.

DE OLIVEIRA, NATÁLIA ARAÚJO. Negros e turismo: análise da produção acadêmica sobre o tema em revistas vinculadas aos Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil. **Rosa dos Ventos**, v. 13, n. 1, p. 219-234, 2021.

DOS SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira; DOS SANTOS, Marinês Ribeiro. Geração Tombamento e Afrofuturismo: a moda como estratégia de resistência às violências de gênero e de raça no Brasil. **dObra [s]–revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 11, n. 23, p. 157-181, 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, v. 29, p. 167-182, 2003.

HASENBALG, Carlos; DE GONZALEZ ALMEIDA, L. Lugar de negro. **Rio de Janeiro: Marco Zero**, 1982.

HINTZE, Hélio; ALMEIDA JUNIOR, Antonio Ribeiro de. Mídia, turismo e racismo: estudos críticos. **Anais...**, 2012.

MINAYO, MC de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 2010. **São Paulo: Hucitec/Abrasco**, 2014.

MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de; SOUZA, Marcilene Garcia de. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. **Revista de Sociologia e Política**, p. 7-16, 1999.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber. **Belo Horizonte: UFMG**, v. 340, p. 1990, 1999.

LIMA, Raquel. Afrofuturismo: A construção de uma estética [artística e política] pós-abissal. In: **Book of Abstracts of the 7th AfroEuropeans Network Conference: Black In/Visibilities Contested**. CIES, ISCTE-IUL. 2019. p. 139.

MACHADO, Hilka Vier. A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, p. 51-73, 2003.

MATUCK, Artur; MEUCCI, Artur. A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 2, n. 4, p. 157-182, 2008.

MARTINS, W. 1995 [1899]. **Um Brasil diferente**. 2ª ed. São Paulo : T.A. Queiroz

MOREIRA, Allyson Darlan. Ciberativismo no Facebook: movimentos sociais conectados em rede e a democracia da informação no grupo LGBT Brasil. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas-ISSN 2176-5766**, v. 4, n. 2, p. 115-128, 2016.

NASCIMENTO, Glauca Pereira do. **Territorialidades negras em Curitiba-PR: ressignificando uma cidade que não quer ser negra**, 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

NEGRO, Guia. **Quem Faz**. 2022. Disponível em: <<https://guianegro.com.br/quem-faz/>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

OLIVEIRA.L. **“Linha preta”**: análise sobre o roteiro negro e a invisibilidade curitibana. Trabalho de graduação (Bacharelado em Turismo) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2018.

PATERNIANI, Stella Zagatto. **São Paulo cidade negra**: branquidade e afrofuturismo a partir de lutas por moradia. 2019. 325 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PINHO, Patricia de Santana. Descentrando os Estados Unidos nos estudos sobre negritude no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, p. 37-50, 2005.

PINHO, Patricia de Santana. Turismos diaspóricos: mapeando conceitos e questões. **Tempo Social**, v. 30, p. 113-131, 2018.

PRADO, Luiz Guilherme Staine; PRADO FILHO, Carlos Roberto Staine. O APAGAMENTO DE GEORGE FLOYD. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v. 18, n. 1, p. 347-366, 2021.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; PANOSSO NETTO, A. Turismo étnico afro no Brasil. **VIII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**, Balneário Camboriú. <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/8/10.pdf>, 2011.

RANGEL, Edson. Afrofuturismo e questões políticas do negro na ficção científica. **Revista de Audiovisual Sala 206**, n. 5, 2016.

SANTOS, Brenda Maria Lucilia Oeiras dos; BRAGA, Geslline Giovana; PINHEIRO, Larissa Brum Leite Gusmão. **Dos Traços aos Trajetos**: a curitiba negra entre os séculos xix e xx. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2019. 149 p. Disponível em: <https://dostracos.wordpress.com/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

SANTOS, Thaina Souza. O viajante afro-brasileiro: enegrecendo o turismo. **Monografia, Universidade de São Paulo**. Recuperado de: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/textos/tc4087-Santos.pdf>, 2018.

SCHLITTLER, Maria Carolina de Camargo. **"Matar muito, prender mal"**: a produção da desigualdade racial como efeito do policiamento ostensivo militarizado em SP. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

SILVA, Kellen Carolina Vieira; QUADRADO, Jaqueline Carvalho. O afrofuturismo como forma de representação cultural. **Revista EMICULT**, v. 2, n. 2, 2016.

SANTOS, Neuza Souza. **Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

SOUZA, Waldson Gomes de. **Afrofuturismo**: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea. 2019. 102 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura)— Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

URANO, Debora Goes; DE SOUZA SIQUEIRA, Felipe; DE MENDONÇA NÓBREGA, Wilker Ricardo. Articulação em redes como um processo de construção de significado para o fortalecimento do turismo de base comunitária. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 2, 2016.

QUEIROZ, Mércia Maria Aquino de. **Turismo de Raízes na Bahia**: um estudo sobre a dinâmica do turismo étnico (afro) na Bahia: os casos do Pelourinho Salvador e da Festa da Boa Morte/Cachoeira. 2008. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) —Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

UŞAKLI, Ahmet; KOÇ, Burcu; SÖNMEZ, Sevil. How'social'are destinations? Examining European DMO social media usage. **Journal of destination marketing & management**, v. 6, n. 2, p. 136-149, 2017.

VAUGHAN, Patrícia Anne. A imagem Americana de Beleza Física e as Mudanças Provocadas pelo "Black Power" na Década de 60. **Rev. de Letras** – N° 22 - Vol. 1/2 - jan/dez. P. 59 – 62. 2000.

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EMPRESAS E/OU PROJETOS DE AFROTURISMO

1. Com base em sua experiência, o que é o Afroturismo?
2. Na sua opinião, quais os benefícios do Afroturismo?
3. Quais são os pontos indispensáveis para o desenvolvimento do Afroturismo em uma cidade?
4. Você acredita que cidades que não tiveram uma grande diáspora africana também possuem potencial para o desenvolvimento do Afroturismo?
5. Como o Afroturismo deve ser trabalhado?
6. A partir do seu conhecimento e/ou experiência em Curitiba, como você acha que a cidade pode trabalhar o Afroturismo?
7. Como costuma ser o feedback dos turistas de Afroturismo? Poderia detalhar?
8. Você acredita que o Afroturismo contribui para o fortalecimento das lutas antiracistas?
9. Você acredita que o Afroturismo está em expansão no Brasil?
10. Você gostaria de fazer comentários, críticas ou dizer qualquer coisa sobre o tema que não foi contemplado pelas perguntas?

APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO DE CURITIBA

1. Você já ouviu falar sobre o Afroturismo? O que você sabe sobre esse segmento? (Caso a resposta seja “não”, fazer uma contextualização).
2. Na sua opinião, o Afroturismo possui campo para ser desenvolvido em Curitiba?
3. Na sua opinião, quais as vantagens que o Afroturismo poderia trazer para Curitiba?
4. Na sua opinião, quais as maiores barreiras para o desenvolvimento do Afrotuismo em Curitiba?
5. Você acredita que a história da população negra é invisibilizada na cidade quando se trata de turismo? Poderia citar exemplos?
6. Você acredita que o Afroturismo pode trazer benefícios para a população negra de Curitiba? Quais?
7. Como o Instituto Municipal de Turismo pode contribuir para o desenvolvimento do Afroturismo?
8. Qual a sua opinião sobre iniciativas como o Linha Preta e o Afrocuritiba?
9. Você acredita que Curitiba conta com profissionais capacitados para desenvolver o Afroturismo? Porquê? (Caso a resposta seja não, perguntar: Por qual motivo você acredita nisso?)
10. Você conhece restaurantes, agências de turismo, hotéis ou outros estabelecimentos comandados por empreendedores negros em Curitiba?
11. Você gostaria de fazer comentários, críticas ou dizer qualquer coisa sobre o tema que não foi contemplado pelas perguntas?

APÊNDICE 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ORGANIZAÇÕES NEGRAS DE CURITIBA

1. Você já ouviu falar sobre o Afroturismo? (Caso a resposta seja “não”, fazer uma contextualização).
2. Você acredita que a história da população negra é invisibilizada na cidade quando se trata de turismo? Poderia citar exemplos?
3. Você acredita que o Afroturismo pode trazer benefícios para a população negra da cidade? Quais?
4. Na sua visão, como o Afroturismo pode ser trabalhado em Curitiba?
5. Na sua opinião, o Afroturismo pode ajudar no resgate histórico e cultural da população negra da cidade?
6. Você conhece espaços de lazer direcionados para a população negra em Curitiba?
7. Você conhece restaurantes, agências de turismo, hotéis ou outros estabelecimentos comandados por empreendedores negros em Curitiba?
8. Quais pontos da cidade você acredita que poderiam fazer parte de um roteiro de Afroturismo?
9. Você gostaria de fazer comentários, críticas ou dizer qualquer coisa sobre o tema que não foi contemplado pelas perguntas?